

PORTUGÁLIA

NOVA SÉRIE - VOLUME XIX-XX



DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

1998-1999

UMA ESTRUTURA RITUAL COM OSSOS HUMANOS NO SÍTIO PRÉ-HISTÓRICO DE CASTELO VELHO DE FREIXO DE NUMÃO (V^a N^a DE FOZ CÔA)

Susana Oliveira Jorge (*)
Maria de Lurdes Oliveira (**)
Susana Andreia Nunes (**)
Sérgio Rocha Gomes (**)

O. INTRODUÇÃO

Durante as campanhas arqueológicas de 1994 e 1997 realizadas em Castelo Velho de Freixo de Numão (V^a N^a de Foz Côa) (Fig.1) foi descoberta e escavada uma estrutura ritual com ossos humanos (Jorge, S.O., 1999 a, b). Tal estrutura encontrava-se inserida na segunda “rampa” pétrea que circunda, a oeste e a sul, o recinto superior do “monumento” de Castelo Velho (Fig.2). Tal como foi noticiado em 1999, tratava-se de uma pequena estrutura, de planta sub-circular, embutida na referida plataforma. Esta estrutura é contemporânea da principal fase construtiva de todo o dispositivo arquitectónico monumental de Castelo Velho. Assim, deve situar-se, algures, entre c. 2900 e c. 2200 A. C., ou seja, foi concebida e utilizada durante o Calcolítico Pleno/Final regional.

A caracterização dos respectivos restos osteológicos foi realizada por M. T. Antunes e A. S. Cunha (1998). Com base na análise dos dados antropológicos e numa primeira observação do registo arqueológico¹, definiram-se cinco “níveis” ou “momentos” de deposição ritual (Jorge, S. O., 1999 a, b). Nesses cinco “níveis”, em que sobressai um princípio de alternância quanto à visibilização e ocultação de diversos artefactos, em cada um dos “momentos” rituais, foram identificados ossos humanos, restos de fauna, pesos de tear, fragmentos de vasos cerâmicos, um fragmento de moinho manual em granito, uma conta de colar de cor verde, além de lajes de xisto de cores e dimensões variadas.

O presente trabalho surge como um primeiro contributo para, através do estudo de conjunto de todos os elementos constitutivos do preenchimento desta estrutura, tentar determinar a natureza da manipulação ritual dos ossos humanos e do restante material associado.

(*) DCTP da FLUP e SPAE.

(**) SPAE e GEAP.

1 – O levantamento e registo arqueológico dos ossos humanos, exumados em 1997, contou com a colaboração da antropóloga Dra. Célia Lopes, da equipa da Prof. Doutora Eugénia Cunha, do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra.

A análise morfológica dos principais tipos de artefactos (pesos de tear e recipientes cerâmicos), assim como a apreciação dos restantes elementos desta associação ritual, tem em conta a interpretação espacial e estratigráfica publicada em 1999 por um de nós (Jorge, S. O., 1999, a, b).

1. OS RECIPIENTES CERÂMICOS DA ESTRUTURA RITUAL COM OSSOS HUMANOS DE CASTELO VELHO DE FREIXO DE NUMÃO

S. A. Nunes
M. L. Oliveira

1.1 Critérios de classificação

O estudo do material cerâmico, constituído por 424 fragmentos, baseou-se numa análise macroscópica tendo sido considerados sete parâmetros: 1. Tipo de desgordurante e respectivo calibre; 2. Textura; 3. Tratamento de superfície; 4. Cor; 5. Tipos morfológicos; 6. Técnica decorativa; 7. Organização decorativa.

1. As pastas cerâmicas apresentam como desgordurantes principais a mica e o quartzo. Em função da dimensão destes elementos foram consideradas três categorias: 1.1. caracterizada por e.n.p. (elementos não plásticos) < 0,5 mm; 1.2. caracterizada por e.n.p. entre 0,5 e 1 mm; 1.3. caracterizada por e.n.p. > 1 mm.

2. Em função da distribuição dos desgordurantes e da ligação dos elementos, consideramos três tipos de textura das pastas: 2.1. friável; 2.2. compacta, quando os e.n.p. se encontram solidamente ligados, mas a sua distribuição não se faz de uma forma homogênea² 2.3. homogênea, onde todos os elementos aparecem muito bem ligados e homogeneamente distribuídos³.

3. No tratamento das superfícies foram detectados 3 tipos: 3.1. alisamento, acção de regularização da superfície ainda húmida⁴; 3.2. polimento, acção de fricção sobre a superfície já seca, deixando-a brilhante⁵; 3.3. rugosa, onde se presencia alisamento deficiente; ocorre a categoria «corroída», quando não foi possível determinar o tipo de tratamento de superfície, dado o seu grau de degradação (3.4). A análise do exterior e interior do material permitiu-nos estabelecer 14 categorias, que resultam da combinação deste 3 tipos de tratamento e da categoria «corroída»: 1/1 – exterior e interior alisados; 1/2 – exterior alisado e interior polido; 1/3 – exterior alisado e interior rugoso; 1/4 – exterior alisado e interior corroído; 2/1 – exterior polido e interior alisado; 2/2 – exterior e interior polidos; 2/3 – exterior polido e interior rugoso; 2/4 – exterior polido e interior corroído; 3/1 – exterior rugoso e interior alisado; 3/2 – exterior e interior rugoso; 4/1 – exterior corroído e interior alisado; 4/2 – exterior corroído e interior polido; 4/3 – exterior corroído e interior rugoso; 4/4 – exterior e interior corroídos.

4. Na determinação da cor dos fragmentos foi tido em conta a tonalidade externa e interna das superfícies, não se tendo em atenção a cor do núcleo. Assim, foram detectadas quatro tonalidades⁶: 4.1. cinzento; 4.2. castanho; 4.3. vermelho; 4.4. bege. Tal como no *item* anterior, a combinação das tonalidades, expressas pelos números referidos, permitiu estabelecer treze categorias: 1/1 – exterior e interior cinzento; 1/2 – exterior cinzento e interior castanho; 1/3 – exterior cinzento e interior

2 – Sanches, M. J., 1997.

3 – Sanches, M. J., 1997.

4 – Jorge, S. O., 1986.

5 – Jorge, S. O., 1986.

6 – A grande variedade de cores existente em cada exemplar conduziu-nos à não utilização dum código de cores.

vermelho; 1/4 - exterior cinzento e interior bege; 2/1 - exterior castanho e interior cinzento; 2/2 - exterior e interior castanho; 2/3 - exterior castanho e interior vermelho; 2/4 - exterior castanho e interior bege; 3/1 - exterior vermelho e interior cinzento; 3/2 - exterior e interior vermelho; 4/1 - exterior bege e interior cinzento; 4/2 - exterior bege e interior castanho; 4/3 - exterior bege e interior vermelho; 4/4 - exterior e interior bege.

5. Na caracterização dos tipos morfológicos foi tido em atenção o diâmetro exterior da boca e o diâmetro exterior da pança, uma vez que os recipientes se encontravam na sua maioria fragmentados. Neste sentido, foram estabelecidas 5 formas simples, redutíveis a um volume geométrico, distinguindo-se: formas fechadas, cujo diâmetro exterior da boca é menor que o da pança (formas 1 e 2); formas abertas, cujo diâmetro exterior da boca é maior que o da pança (formas 4 e 5) e formas cujo diâmetro exterior da boca é igual ao da pança (forma 3). (Quadro I)

- forma 1 - forma esférica, simples, de boca fechada;
- forma 2 - forma de boca fechada (provavelmente ovóide)⁷;
- forma 3 - forma de paredes rectas, ou quase rectas, com tendência para o troncocónico;
- forma 4 - forma semi-esférica;
- forma 5 - forma em calote de esfera (taça alta).

6. De entre os 99 fragmentos decorados registaram-se cinco técnicas decorativas principais: 6.1. incisão, que consiste na acção de riscar de forma contínua a argila ainda crua com punções ou estiletes de extremidade variável; 6.2. impressão, em que se dá a utilização de uma matriz múltipla, podendo dividir-se em – 6.2.1. – “penteada” simples rectilínea (quando o “pente” é usado na posição oblíqua, formando linhas rectilíneas), 6.2.2. – “penteada” simples curvilínea (quando o “pente” é usado obliquamente em movimentos ondulantes) e 6.2.3. “penteada” arrastada rectilínea (quando o “pente” realiza um movimento de “vai-vem”)⁸; 6.3. puncionamento, imprime-se de forma descontínua com um estilete simples de extremidade romba; 6.4. decoração plástica, decoração em relevo, de forma descontínua, consistindo na aplicação de pequenas protuberâncias de argila – “mamilos” – que podem ser simples (6.4.1), com uma depressão central (6.4.2.) ou de contorno sub-elíptico (6.4.3.); 6.5. espatulamento, técnica semelhante à incisão, mas em que o objecto usado é uma espátula que risca a pasta de forma pouco profunda, formando caneluras.

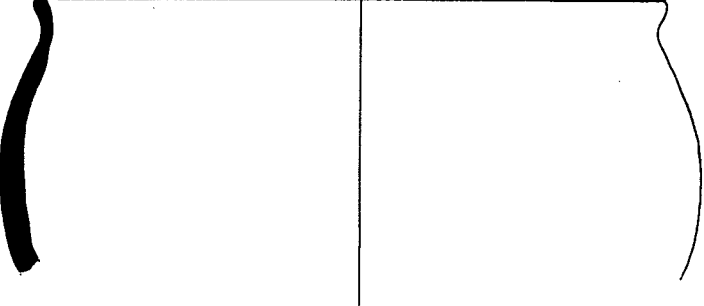
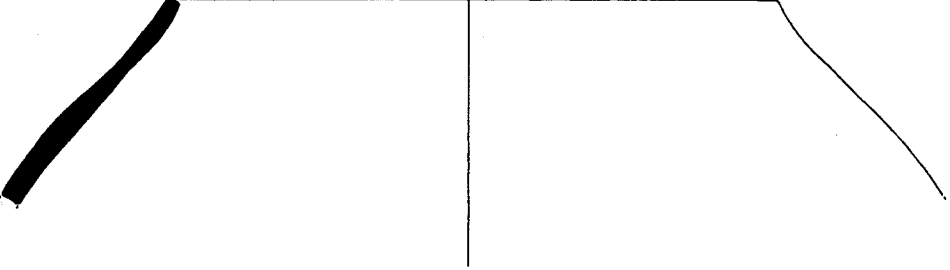
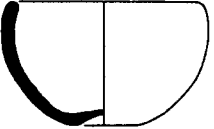
Em alguns fragmentos verifica-se a combinação de duas técnicas distintas: incisão + impressão; incisão + decoração plástica; incisão + espatulamento; puncionamento + espatulamento.

7. Quanto às organizações decorativas (Quadro II) foram identificadas seis, cada uma apresentando variantes: 7.1 – sequências aditivas constituídas por bandas de impressão “penteada” arrastada; 7.1.1. bandas muito largas de impressão “penteada” arrastada alternadas com espaços vazios; 7.1.2. bandas de largura média de impressão “penteada” arrastada alternadas com espaços vazios; 7.1.3. bandas de pequena largura de impressão “penteada” arrastada profunda, alternadas com espaços vazios (apresentando vestígios de uma terceira banda entre as duas); 7.1.4. bandas de pequena largura de impressão “penteada” arrastada já muito corroída; 7.2. – sequências aditivas constituídas por bandas de impressão “penteada” simples rectilínea, curvilínea ou associada à incisão; 7.2.1. bandas de pequena largura constituídas por linhas “penteadas” rectilíneas, pouco fundas, alternadas com espaços vazios; 7.2.2. bandas de média largura constituídas por linhas “penteadas” curvilíneas, alternadas com espaços vazios; 7.2.3. bandas de pequena largura constituídas por linhas “penteadas” curvilíneas, pouco fundas, alternadas com espaços vazios; 7.2.4. bandas de pequena largura constituídas por linhas “penteadas” curvilíneas, pouco fundas (a linha próxima do bordo é constituída por linhas curvilíneas e a segunda por linhas quase rectilíneas), que alternam com espaços vazios; 7.3.1. bandas de largura média constituídas por linhas “penteadas” curvilíneas, pouco fundas,

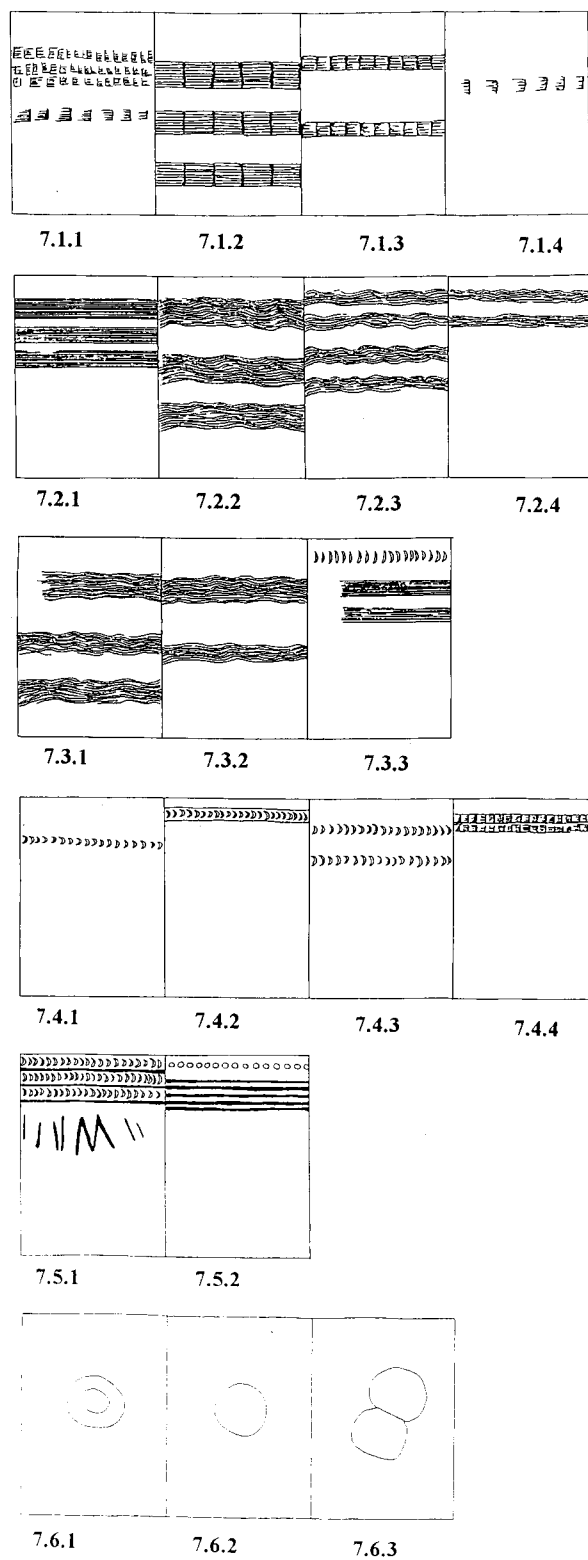
7 – Segundo um primeiro ensaio tipológico sobre recipientes cerâmicos de Castelo Velho de Freixo de Numão (Cruz, M. D. G., 1993).

8 – Sanches, M. J., 1997.

Quadro I

Forma 1	
Forma 2	
Forma 3	
Forma 4	
Forma 5	 

Quadro II



alternadas com espaços vazios; 7.3.2. bandas de largura média constituídas por linhas “penteadas” curvilíneas, medianamente fundas, alternadas por espaços vazios; 7.3.3. série de “unhadas” de pequena largura, junto ao bordo, alternadas com linhas “penteadas” rectilíneas pouco fundas; 7.4. – sequências horizontais constituídas por uma linha de incisões, puncionamentos ou de impressão “penteada” arrastada, junto ao bordo; 7.4.1. sucessão de linhas oblíquas abaixo do bordo feitas pela técnica do puncionamento; 7.4.2. incisões curvilíneas (“unhadas”) delimitadas superiormente e inferiormente por uma linha incisa paralela ao bordo; 7.4.3. duas séries de linhas incisivas curvilíneas (“unhadas”) paralelas ao bordo; 7.4.4. banda horizontal de pequena largura constituída por impressão “penteada” arrastada rectilínea pouco funda; 7.5. – sequências horizontais mais complexas que conjugam diferentes técnicas decorativas como a incisão, o puncionamento e o espatulamento; 7.5.1. três séries de linhas incisivas curvilíneas (“unhadas”) paralelas ao bordo, associadas a espatulamentos horizontais, verticais e oblíquos; 7.5.2. linha de puncionamentos paralela a bordo associado a linhas horizontais espatuladas; 7.6. – decoração plástica; 7.6.1. “mamilo” com uma depressão central; 7.6.2. “mamilo” simples; 7.6.3. dois “mamilos” simples de contorno sub-elíptico.

1.2 Estudo do material cerâmico por “níveis” de deposição

Os critérios técnicos e morfológicos anteriormente descritos foram aplicados a todos os fragmentos cerâmicos, 333 dos quais distribuídos pelos cinco “níveis”, sendo os restantes 91 provenientes de “níveis” indeterminados⁹. Após a análise dos fragmentos por “níveis” achamos desnecessário apresentar a sua caracterização em termos de desengordurantes e respectivo calibre, textura, tratamento de superfície e cor, dado que quer em termos gerais quer por “níveis” nos deparamos com grande homogeneidade. Assim, predominam os calibres grosseiros (1.3.), pastas compactas (2.2.), superfícies polidas interna e externamente (2/2) e cores castanhas (2/2).

Na determinação das técnicas e organizações decorativas os fragmentos foram analisados e contabilizados individualmente; no estabelecimento das formas foram consideradas unidades (conjunto de fragmentos que pertenciam ao mesmo vaso), independentemente do número de fragmentos que as constituíam.

“Nível” 1 (Gráfico 1)

Este “nível” apresenta um total de 30 fragmentos, 25 lisos e 5 decorados, todos pela técnica da impressão, 1 com impressão “penteada” simples rectilínea (6.2.1.) e 4 com impressão “penteada” simples curvilínea (6.2.2.) (Fig. 8,1).

Quanto às organizações decorativas, dos 5 fragmentos decorados, só foi possível determinar uma organização decorativa, 7.2.5. A colagem de 3 destes 5 fragmentos, possibilitou a determinação da forma 1.

“Nível” 1 - Fragmentos lisos e decorados

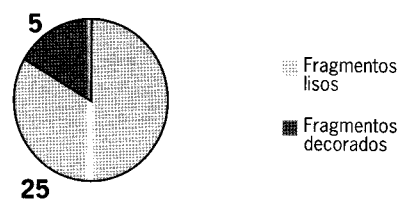


Gráfico 1

Neste “nível” foram ainda identificadas mais duas formas, 4 e 5, cada uma representada unicamente por um vaso liso.

⁹ - Os fragmentos cerâmicos “indeterminados” provêm exclusivamente dos “níveis” 2 e 4.

"Nível" 2 (Gráfico 2)

Este é o "nível" com maior número de fragmentos num total de 141, 95 lisos e 48 decorados.

Em termos de decoração predomina a técnica da impressão, 9 com impressão "penteada" simples rectilínea (6.2.1.), 17 com impressão "penteada" simples curvilínea (6.2.2.) e 12 com impressão "penteada" arrastada rectilínea (6.2.3.), estando ainda representadas a incisão (6.1.) com 4 fragmentos, o espatulamento (6.5.), a incisão + decoração plástica, incisão + espatulamento e puncionamento + espatulamento, cada um com um único fragmento (Figs. 8,2; 9; 10).

Dos 48 fragmentos decorados, 10 permitiram estabelecer quatro organizações decorativas: 7.1., 7.2., 7.3. e 7.4.

Relativamente às formas, os 9 vasos deste "nível", na sua totalidade decorados, apresentam quatro tipos morfológicos o que demonstra uma grande variedade formal relativamente aos outros "níveis". A forma 2 está representada por 3 vasos decorados, pela técnica da impressão: impressão "penteada" simples rectilínea (6.2.1.); impressão "penteada" simples curvilínea (6.2.2.) e "penteada" arrastada rectilínea (6.2.3.); a organização decorativa é a 7.1.2. e a 7.2.2.. Na forma 3, igualmente com três vasos, as técnicas decorativas usadas foram a incisão + espatulamento, a impressão "penteada" simples rectilínea (6.2.1.) e a impressão "penteada" simples curvilínea (6.2.2.); as organizações decorativas são a 7.2.1 e a 7.4.1.. Os 2 vasos da forma 4 apresentam respectivamente a técnica decorativa da impressão "penteada" simples rectilínea (6.2.1.) e a técnica do puncionamento + espatulamento, enquadrando-se nas organizações decorativas 7.2.1 e 7.4.2.. Identificou-se, ainda neste "nível" a forma 5, a partir de 1 único vaso decorado pela técnica da incisão e com a organização decorativa, 7.3.2..

"Nível" 2 - Fragmentos lisos e decorados

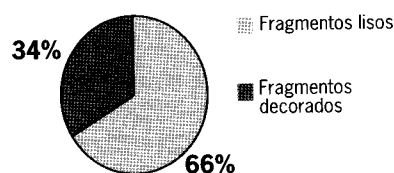


Gráfico 2

"Nível" 3 (Gráfico 3)

Foram identificados 23 fragmentos, dos quais 22 lisos e 1 decorado com impressão "penteada" simples curvilínea (6.2.2.) e a organização decorativa 7.2.6. (Fig. 11,2). Este último fragmento permitiu determinar a forma 5, registando-se ainda 1 vaso, o único inteiro de toda a estrutura, liso, com a forma 4 (Fig. 11,1).

"Nível" 3 - Fragmentos lisos e decorados

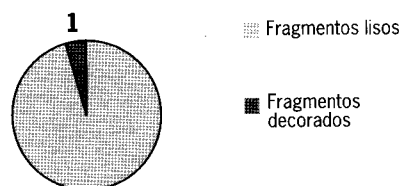


Gráfico 3

"Nível" 4 (Gráfico 4)

Dos 93 fragmentos, 72 são lisos e 21 decorados, apresentando estes últimos as seguintes técnicas decorativas: impressão "penteada" simples rectilínea, 5 fragmentos (6.2.1.); impressão "penteada" simples curvilínea, 6 fragmentos (6.2.2.); impressão "penteada" arrastada rectilínea, 5 fragmentos (6.2.3); incisão, 1 fragmento (6.1.); incisão + impressão, 2 fragmentos; decoração plástica, 2 fragmentos (6.5.) (Figs. 11, 3 e 4; Fig. 12). Dos 21 fragmentos decorados, 12 permitiram estabelecer cinco organizações decorativas principais: 7.1. representada em 2 fragmentos; 7.2. identificada em 6 fragmentos; 7.3 e 7.4. presentes num fragmento cada e a 7.5. ocorrendo em 2 fragmentos nas variantes, 7.5.2. e 7.5.3..

"Nível" 4 - Fragmentos lisos e decorados

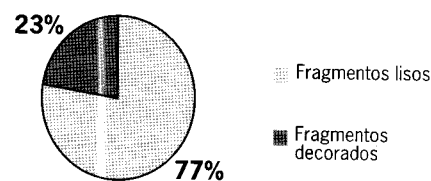


Gráfico 4

Relativamente às formas, foram identificados 7 vasos distribuídos morfologicamente pelas formas 3 e 5. A forma 3 está representada em 5 vasos, dos quais 1 sem decoração e 4 decorados com as técnicas da incisão + impressão, impressão "penteada" simples curvilínea (6.2.2.) e impressão "penteada" arrastada rectilínea (6.2.3.) e as organizações decorativas 7.2.3., 7.2.7., 7.3.4., 7.2.4. respectivamente. A forma 5 apresenta dois vasos, um liso e um decorado pela técnica da incisão (6.1.) e a organização decorativa 7.3.3..

"Nível" 5

Apresenta um total de 46 fragmentos, 39 lisos e 7 decorados: 2 com a impressão "penteada" simples rectilínea (6.2.1.), 3 com a impressão "penteada" simples curvilínea (6.2.3.) e 2 com decoração plástica (6.4.) (Fig. 13,3). Estes dois últimos fragmentos foram os únicos que permitiram estabelecer organização decorativa, a 7.6.1.. Existe um único vaso, liso, com a forma 4.

Indeterminados (Fig. 13,1 e 2)

Dos "níveis" 2 e 4 provêm 91 fragmentos, dos quais 74 são lisos. Os restantes 17 distribuem-se em termos decorativos da seguinte maneira: 4 pela técnica da impressão "penteada" simples rectilínea (6.2.1.), 4 pela impressão "penteada" simples curvilínea (6.2.2.), 8 pela impressão "penteada" arrastada rectilínea (6.2.3.) e 1 por espatulamento (6.5.). Foi registada uma única organização decorativa principal a 7.1.. Os 2 vasos lisos identificados enquadram-se nos tipos morfológico 3 e 5.

1.3 Conclusão

O estudo do material cerâmico da estrutura de enterramento, efectuado inicialmente por "níveis", alargou-se posteriormente à sua totalidade permitindo a comparação global dos resultados obtidos.

Em primeiro lugar, à excepção do vaso inteiro, do "nível" 3, não foram registados outros recipientes completos, encontrando-se o material cerâmico fragmentado.

Distribuição dos fragmentos e vasos lisos e decorados por "níveis"

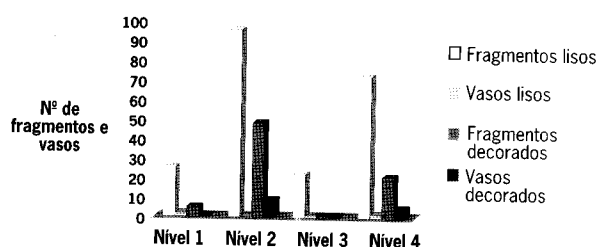


Gráfico 5

Em termos quantitativos regista-se o predomínio dos fragmentos lisos em detrimento dos decorados, verificando-se ainda uma maior concentração de fragmentos, lisos e decorados, nos “níveis” 2 e 4. (Gráfico 5).

Relativamente às formas, a maior variabilidade ocorre no “nível” 2, registando-se uma menor variedade formal, nos “níveis” 3 e 5. É de realçar que, a forma 2 ocorre exclusivamente no “nível” 2 e a forma 3, representada por 9 dos 24 vasos identificados em toda a estrutura, está presente nos “níveis” 2 e 4. (Gráfico 6).

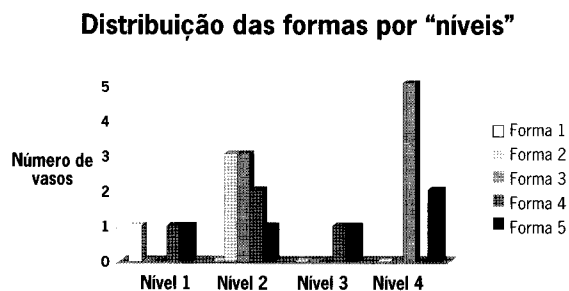


Gráfico 6

Em relação às técnicas decorativas, a maior variedade é registada no “nível” 2 (incisão, impressão e espatulamento, presentes isoladamente, e as restantes combinadas) e a menor no “nível” 3 (um único fragmento com impressão). (Gráfico 7).

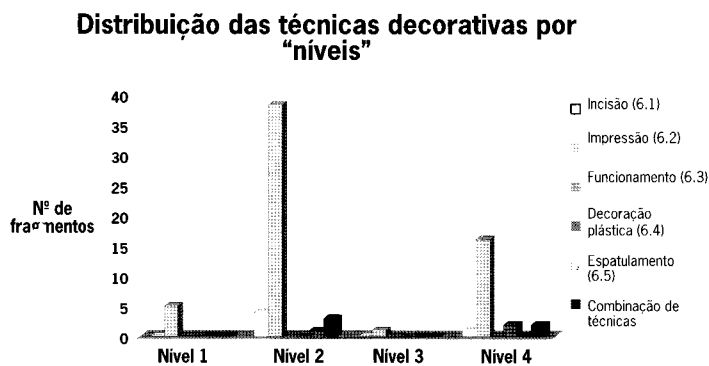


Gráfico 7

Os “níveis” 1 e 3 apresentam uma menor variedade de organizações decorativas (a 7.1.), e o “nível” 4 a maior variedade, representando as cinco principais organizações decorativas, seguida de perto do “nível” 2 (com 4).

Assim, os “níveis” 2 e 4 destacam-se não só pelo número de fragmentos, mas também pela maior variedade em termos de formas, de técnicas e organizações decorativas. Estes “níveis” intercalam-se com “níveis” onde a variedade é reduzida ou mesmo nula (1, 3 e 5).

2. OS PESOS DE TEAR DA ESTRUTURA RITUAL COM OSSOS HUMANOS DE CASTELO VELHO DE FREIXO DE NUMÃO

S. R. Gomes

2.1 Descrição do conjunto de pesos de tear

Foram registadas 14 unidades e 5 fragmentos de pesos de tear no espólio exumado na estrutura ritual em estudo. Da análise deste material detectou-se que dos 5 fragmentos, dois (com o nos. de inventário 3 e 16) correspondiam a uma só unidade. Assim sendo, o conjunto é constituído por 15 unidades e 3 fragmentos, ou seja, na totalidade apresentam-se 18 pesos de tear distribuídos pelos três primeiros “níveis” da estrutura.

A existência dos fragmentos associa-se ao carácter ritual da estrutura. Com efeito, a sequência estratigráfica não indica processos de revolvimento que causassem o desaparecimento das outras partes das unidades. Todavia, no caso da unidade formada pelos fragmentos n.ºs 3 e 16, que se encontram em diferentes “níveis”, não é de descuidar a hipótese de se tratar de um fenómeno pós-deposicional.

A nível técnico o conjunto revela-se muito uniforme. A pasta é compacta, com desengordurante (mica e quartzo) de pequeno e médio calibre. No tratamento das superfícies registou-se a técnica de polimento e alisamento. Todavia, parece viável que algumas superfícies classificadas como alisadas sejam resultado do desgaste do polimento provocado pelas condições de jazida. A cor predominante é o castanho, apesar de, na sua grande maioria, as unidades não apresentarem uma cor homogénea, como é o caso dos n.ºs 13 e 17, onde aparecem manchas cinzentas provavelmente associadas a marcas de combustão. A nível decorativo foram detectadas, em algumas unidades, um anel de elevação em torno das perfurações, resultante da existência de picotado à sua volta. No restantes exemplares não se encontraram vestígios de elementos desta natureza. No que diz respeito ao peso dos objectos obteve-se um valor médio de 360g.

A uniformidade técnica contrasta com a diversidade de formas encontradas, sendo este aspecto decisivo na elaboração da tipologia apresentada no próximo ponto. Das 18 unidades foi possível determinar a forma de 17, uma vez que o fragmento n.º 6 não permite avançar com segurança a totalidade da forma. Nestes 17 exemplares reconhecem-se 16 paralelepípedos de diferentes contornos e dimensões e um cilindro achatado de contorno irregular.

Nos diferentes paralelepípedos distinguem-se dois grandes tipos de contorno, o sub-rectangular e o sub-trapezoidal, dos quais existem 14 e 2 exemplares, respectivamente. Nos paralelepípedos, de contorno sub-rectangular, pode-se ainda considerar outros tipos que se prendem com a diferente regularidade da forma, a razão entre a altura e a largura (denominada índice de largura na caracterização tipológica) e a dimensão global da peça (calculada através da oblíqua da face maior).

Existem ainda dois aspectos específicos destes artefactos que contribuem para a sua caracterização. O primeiro diz respeito ao número de perfurações existentes, onde encontramos 10 exemplares com quatro perfurações dispostas simetricamente pelos quatro ângulos, 4 unidades com duas perfurações junto dos ângulos de um dos lados maiores, 1 exemplar com cinco perfurações dispostas assimetricamente pelos quatro ângulos e 3 exemplares com um número de perfurações indeterminadas. O segundo aspecto prende-se com as marcas de utilização que estas perfurações apresentam, onde se registou um elevado número de exemplares nestas circunstâncias, mas sem nenhum tipo de regularidade na disposição destas evidências.

Do cruzamento dos diferentes aspectos referidos, com especial atenção para a caracterização morfológica (devido à sua variedade), foi possível a elaboração de 9 tipos de pesos de tear, cuja descrição é seguidamente apresentada.

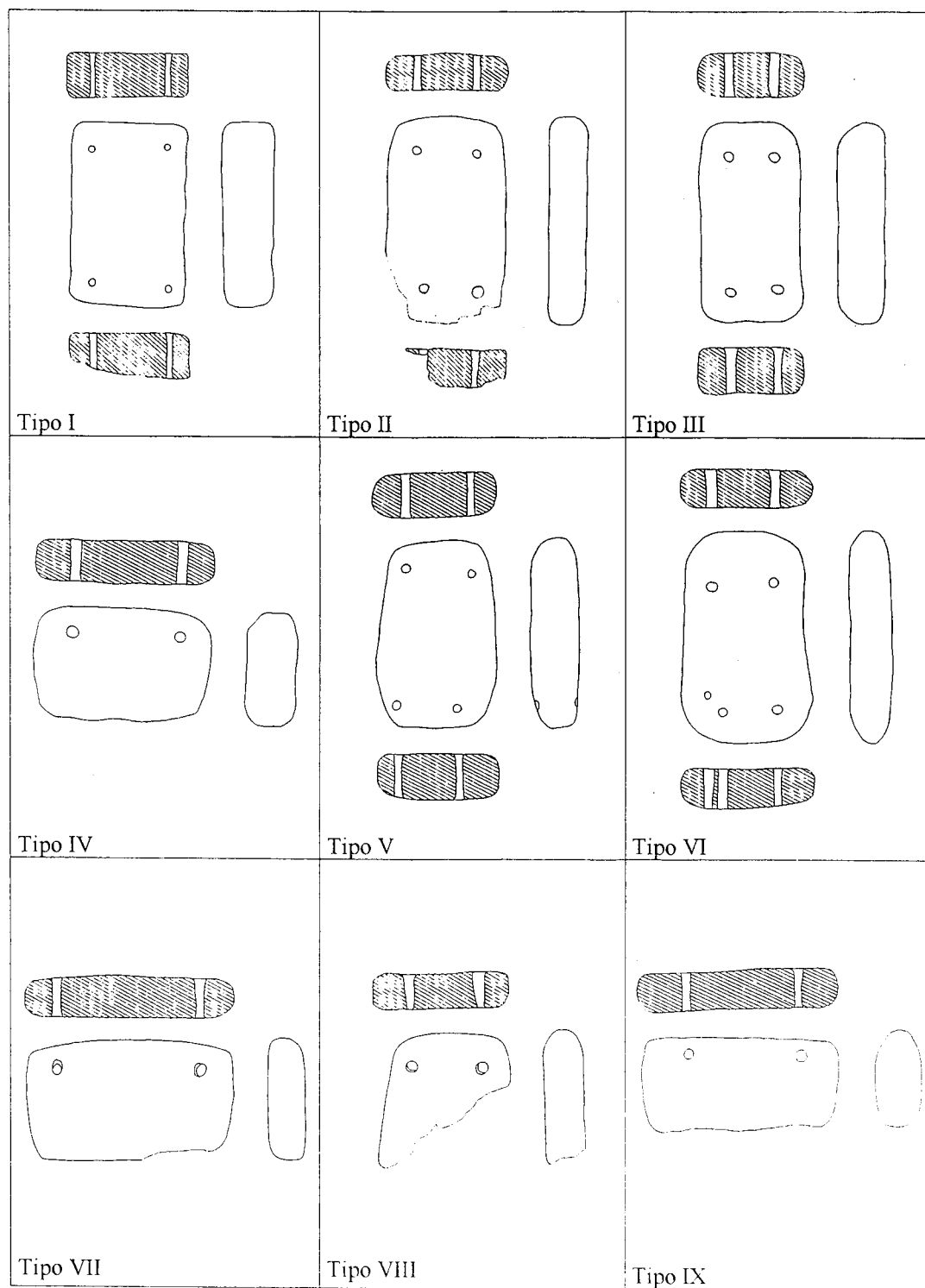
2.2 Caracterização dos tipos

A descrição dos diferentes tipos (Quadro III) reconhecidos no conjunto em estudo não faz referência aos seus aspectos técnicos porque, como foi afirmado anteriormente, os vários exemplares apresentam características muito uniformes. Assim sendo, preferiu-se eliminar essa informação na caracterização dos tipos em favor da valorização dos seguintes aspectos morfológicos: contorno, secções, comprimento da oblíqua, índice de largura, número e disposição das perfurações.

Tipo I

Paralelepípedo de contorno sub-rectangular de cantos levemente arredondados com um índice de largura superior a 0,5 cm e oblíqua maior que 11 cm; secções sub-rectangulares e faces aplanadas com 4 perfurações dispostas simetricamente pelos quatro ângulos: 2 exemplares

Quadro III



Tipo II

Paralelepípedo de contorno sub-rectangular de cantos arredondados com um índice de largura superior a 0,5 cm e oblíqua maior que 11 cm; secções sub-rectangulares e faces aplanadas com 4 perfurações dispostas simetricamente pelos quatro ângulos: 4 exemplares

Tipo III

Paralelepípedo de contorno sub-rectangular alongado com os cantos arredondados, índice de largura inferior a 0,5 cm e oblíqua maior que 11cm; secções sub-rectangulares e faces aplanadas com 4 perfurações dispostas simetricamente pelos quatro ângulos: 3 exemplares

Tipo IV

Paralelepípedo de contorno sub-rectangular com os cantos arredondados, faces aplanadas e secção sub-rectangular; índice de largura superior a 0,5 cm e oblíqua inferior a 11 cm; 2 perfurações próximas dos ângulos do lado maior: 2 exemplares

Tipo V

Paralelepípedo de contorno sub-rectangular com estreitamento em ambas as extremidades e cantos arredondados, faces aplanadas, com excepção das faces laterais maiores que são arredondadas, e secções sub-elípticas; índice de largura superior a 0,5 cm e oblíqua superior a 11 cm; 4 perfurações dispostas simetricamente pelos quatro ângulos: 1 exemplar

Tipo VI

Paralelepípedo de contorno sub-rectangular com estreitamento a meio dos lados maiores e cantos muito arredondados com um índice de largura superior a 0,5 cm e oblíqua superior a 11 cm; secções sub-elípticas, com grande irregularidade no eixo maior, com os lados menores muito irregulares e faces maiores aplanadas com 5 perfurações dispostas assimetricamente pelos quatro ângulos: 1 exemplar

Tipo VII

Paralelepípedo de contorno sub-rectangular com um dos lados maiores convexos e cantos arredondados, apresentando um índice de largura superior a 0,5 cm e oblíqua superior a 11 cm; secção sub-rectangular e faces aplanadas(com excepção da face convexa) com 2 perfurações próximas dos ângulos do lado convexo; 1 exemplar

Tipo VIII (Fragmento)

Paralelepípedo de contorno sub-trapezoidal, cantos superiores arredondados(não existe informação sobre os inferiores) com índice de largura e oblíqua indeterminados; secção sub-rectangular e faces aplanadas com 2 perfurações próximas dos cantos superiores do fragmento com picotado à volta (não é possível determinar o número total de perfurações): 2 exemplares

Tipo IX

Cilindro achatado de contorno sub-rectangular alongado muito irregular, cantos arredondados e espessamento nas extremidades dos lados menores com um índice de largura superior a 0,5 cm e oblíqua superior a 11 cm; secção sub-rectangular e faces arredondadas (com excepção das laterais menores que são levemente aplanadas) com 2 perfurações próximas dos ângulos de um dos lados maiores: 1 exemplar

2.3 Distribuição dos pesos de tear pelos “níveis” e áreas da estrutura

“Nível”	Quantidade e Tipos de Pesos
I (Fig. 14)	1 exemplar do Tipo I 1 exemplar do Tipo IV 1 exemplar do Tipo VIII

“Nível”	Quantidade e Tipos de Pesos	
II (Figs. 15; 16; 17;18)	Área exterior ao “Nicho” 1 exemplar do Tipo II 1 exemplar do Tipo III 1 exemplar do Tipo IV* 1 exemplar do Tipo V 1 exemplar do Tipo VIII 1 exemplar do Tipo IX 1 exemplar de Tipo indeterminado.	“Nicho” 1 exemplar do Tipo II 1 exemplar do Tipo III
	III (Figs. 19; 20; 21)	1 exemplar do Tipo I 1 exemplar do Tipo II 1 exemplar do Tipo III 1 exemplar do Tipo VI 1 exemplar do Tipo VII

* O exemplar referido refere-se à colagem dos fragmentos n.º 3 e 16 que se encontram nos “níveis” III e II, respectivamente. Apesar da diferente proveniência optou-se por referir apenas ao “nível II” para facilitar a leitura do quadro.

Na distribuição do número de pesos de tear pelos “níveis” da estrutura o primeiro aspecto a realçar é o desfasamento entre o “nível” I e os “níveis” II e III no que diz respeito à quantidade de pesos existente: 3 no primeiro, 9 no segundo e 6 no terceiro “nível”. Com efeito, considerando os diferentes “níveis” como diferentes fases de um ritual do qual resultou a estrutura em estudo, temos dois “ritmos” diferentes de deposição dos pesos: o primeiro com menor densidade de material (o “nível” I) e o segundo com uma densidade decrescente (“níveis” II e III).

Quanto à distribuição dos fragmentos e de unidades inteiras, verifica-se que existem pesos nas duas condições nos três “níveis”. Todavia, admitindo que o fragmento n.º 3 encontrado no “nível” III, que cola com o fragmento n.º 16 do “nível” II, originariamente teria sido deposto no “nível” II, a distribuição de unidades e fragmentos durante o ritual apresenta alterações significativas. Com efeito, o “nível” III surge como o único onde aparecem apenas pesos de tear inteiros. Além disso, regista-se que os pesos de tear fragmentados dizem respeito apenas ao tipo VIII e a outro de tipologia desconhecida, sendo que os exemplares de ambos aparecem sempre nestas condições.

A distribuição de tipos por “níveis” revela uma variabilidade generalizada, registando-se por vezes a repetição do mesmo tipo nos diferentes “níveis”. Todavia existem alguns aspectos nesta variabilidade que vale a pena referir: o “nível” II apresenta a maior variedade tipológica e o maior número de exemplares do mesmo tipo; no “nível” III existem mais exemplares de tipos com duas perfurações situadas nos ângulos de um dos lados maiores; os tipos para os quais existem apenas um exemplar encontram-se igualmente divididos pelos “níveis” II e III; os tipos do “nível” I repetem-se nos outros “níveis”.

No que diz respeito à distribuição em função do “nicho” verifica-se uma grande densidade e variabilidade morfológica na área exterior ao “nicho”. Esta situação atinge o seu máximo no “nível” II, o único onde se encontram pesos dentro do “nicho”, cuja tipologia é a mais abundante.

Assim sendo, a distribuição dos pesos pelos diferentes “níveis” em correspondência com as diferentes fases do ritual organiza-se segundo duas grandes linhas estruturantes: uma fraca

densidade de deposição no primeiro “nível”, o que contrasta com os “níveis” seguintes, e uma grande variabilidade de tipos por “nível”. No que diz respeito à sua relação com o “nicho”, verifica-se que existe um grande número de pesos de diferentes tipos na área exterior e apenas dois dentro do “nicho”, mas, que correspondem aos tipos mais abundantes (tipos II e III).

Estas características da distribuição dos pesos de tear permitem pensar o “nível” II como um momento fundamental para a sua presença no ritual. Com efeito, a sua grande densidade e variabilidade morfológica, a presença de fragmentos e de unidades, bem como a sua disposição tanto dentro como fora do “nicho”, remetem o “nível” II para um momento de maior protagonismo destes artefactos.

3. A ESTRUTURA COM OSSOS HUMANOS DE CASTELO VELHO DE FREIXO DE NUMÃO: HIPÓTESES SOBRE A NATUREZA DA DEPOSIÇÃO RITUAL

S. O. Jorge

3.1 As hipóteses que iremos desenvolver, para além de utilizarem as análises descritivas apresentadas neste texto (pontos 1 e 2) assentam, como é óbvio, na caracterização antropológica anteriormente referida (Antunes, M. T. e Cunha, A. S., 1998) e na correlação dos restos humanos e animais com os “planos” arqueológicos interpretados previamente (Jorge, S. O., 1999 a, b).

Recordemos algumas conclusões do mencionado estudo antropológico:

- a) foram identificados, no interior da estrutura, pelo menos, oito (no máximo dez) indivíduos de ambos os sexos: uma criança de 5 a 6 anos; um adolescente com cerca de 10-11 anos; entre 3 e 5 adolescentes de 13 a 16 anos; um jovem de sexo indeterminado, de 16 a 18 anos (ou dois); um indivíduo do sexo feminino de 18 a 20 anos; um jovem adulto, robusto, provavelmente do sexo masculino (ou dois);
- b) em muitos casos, os restos foram misturados, tratando-se de inumações secundárias;
- c) noutras, observaram-se conexões anatómicas, o que aponta para inumações primárias;
- d) esporadicamente, alguns restos humanos (e animais) foram expostos ao fogo;
- e) em alguns (raros) casos detectaram-se vestígios intencionais de corte, o que supõe (para os autores do estudo) esquartejamento de cadáver (es).

A leitura deste estudo antropológico permite-nos detectar a compatibilidade de diversos ossos, ou seja, a possibilidade de alguns deles terem pertencido ao mesmo indivíduo. Entre as compatibilidades possíveis emerge sobretudo a que sugere a deposição primária de partes do esqueleto axial e apendicular de um indivíduo do sexo feminino, entre 18 e 20 anos, débil, com uma estatura de cerca de 1,58 m. Pertenceram certamente a este indivíduo, dois fémures (A. 20/94) (esquerdo e direito), um úmero esquerdo (A. 20/94), uma omoplata direita (A. 20/94), existentes no “nível” 2, e uma tibia esquerda (A. 18/94) e a 1ª falange da mão (A. 18/94), existentes no “nível” 4. Com menor certeza, pode-se, no entanto, aventar a hipótese de que fragmentos de vértebras dorsais (A. 3/97) e lombares (A. 31/97) e um fragmento de costela (A. 23/97), no “nível” 2, e vértebras dorsais (A. 18/97), vértebras indeterminadas (A. 13/97) e costelas (A. 4, 11, 15, 16, 19, 23, 29/97), no “nível” 3, e ainda o 4º metatársico direito (A. 19/94), no “nível” 4, possam também fazer parte deste mesmo indivíduo. De referir que a quase totalidade dos ossos mencionados surgiram em conexão anatómica. Estão também neste caso alguns fragmentos de costelas do “nível” 3, que os autores do estudo referem como sendo “provavelmente humanos” (A. 2, 5, 6, 7, 12, 20, 24, 25, 27/97) e que, assim, formam conjunto com as anteriormente classificadas como tal pelos próprios antropólogos.

Para além destas compatibilidades, maioritariamente em associação anatómica, surgem outras relativas a ossos desmantelados:

1) um calcâneo esquerdo (A. 32/97), do “nível” 2, com um astrágalo esquerdo (A. 43/97), do “nível” 4. Ambos parecem pertencer a um mesmo adulto jovem;

2) uma omoplata direita (A. 28/97) com a diáfise dum úmero esquerdo (A. 1/97), do “nível” 3, que podem reportar-se a um mesmo adolescente entre 13 e 15/16 anos. Trata-se, nos dois casos,

apenas de compatibilidades prováveis, e entre ossos que, repetimos, não se encontravam em conexão anatómica.

3.2 Tendo em conta estes dados globais, passemos a uma primeira reflexão sobre a manipulação ritual dos elementos que integram esta estrutura com ossos humanos.

I – Momento fundacional (Fig. 3)

Corresponde ao “nível” 1.

Sobre um piso de terra argilosa (estéril) foram depositados, no lado norte da estrutura, fragmentos desconectados de ossos humanos de vários indivíduos: fragmentos de áxis de um jovem; fragmentos de coxal direito de indivíduo provavelmente do sexo feminino; fragmentos de tibia esquerda dum provável adulto, de sexo indeterminado. Nas imediações dos ossos humanos foram ainda depositados: - fragmentos de ovis ou capra; - três pesos de tear em cerâmica (dois inteiros e o fragmento dum terceiro), de diversa morfologia (tipos I, IV, VIII, os quais vão surgir em posteriores “momentos” da deposição ritual); - trinta fragmentos de recipientes cerâmicos, predominando os lisos (25 fragmentos). Estão presentes três formas (1, 4, 5), sendo apenas uma (forma 1) decorada. Ocorre a técnica decorativa “penteada” e a organização decorativa 7.2.5 (Fig. 8,1).

II – Momento correspondente à inumação primária dum indivíduo do sexo feminino, associada à deposição de ossos de outros indivíduos.

III – Fase de construção dum “nicho” no interior da estrutura (Fig. 4)

Corresponde ao “nível” 2.

Foi construído um pequeno “nicho”, com pedras (xisto) de dimensões médias e um fragmento de moinho manual (granito). O “nicho” estava delimitado a leste pelo afloramento rochoso. No interior do “nicho” foi depositado (inumação primária) um indivíduo, do sexo feminino, entre 18 a 20 anos. Desse indivíduo, ao nível da base do “nicho”, e no seu interior, foram encontrados, em conexão anatómica, fragmentos dos seguintes ossos: dois fêmures (direito e esquerdo), um úmero esquerdo, uma omoplata direita e, provavelmente, algumas vértebras (dorsais e lombares) e uma costela.

Ainda no interior do “nicho” identificaram-se ossos, desconectados, de outros indivíduos: um úmero (adolescente de 13/15 anos?) e um calcâneo (adulto jovem?).

No exterior do “nicho” (mercê de movimentos pós-deposicionais?) foram identificadas falanges do pé (indivíduo(s), cujo sexo ou idade não são determináveis).

Os ossos detectados neste “nível” são incompatíveis com os do “nível” 1.

Acompanhando, neste “nível”, as deposições dos ossos humanos (inumações primária e secundárias), surge ainda: - no interior do “nicho”, restos de *sus*, *ovis* ou *capra*; - fora do “nicho”, uma conta e colar de cor verde (Fig. 22)¹⁰; - na área da estrutura, nove pesos de tear em cerâmica: dois no interior do “nicho” e sete no seu exterior. Estes pesos de tear acusam uma grande variedade formal (tipos II, III, IV, V, VIII, IX). Se os tipos II, III, IV e VIII surgem em outros “momentos”, já os tipos V e IX são exclusivos deste “nível” de deposição. Por outro lado, como já se disse, os dois pesos existentes no interior do “nicho” pertencem aos grupos morfológicos mais abundantes na estrutura (tipos II e III); - 141 fragmentos de recipientes cerâmicos (apenas 5 fragmentos no interior do “nicho”). Predominam os fragmentos lisos (95 fragmentos – 66 %). Contudo, entre os 9 vasos identificados, 8 eram decorados e só 1 era liso. Estão presentes 4 das 5 formas. Predominam as técnicas decorativas “penteadas”, mas ocorrem outras técnicas (Figs. 8; 9; 10). Surgem todas as organizações decorativas, à excepção da 7.6. No geral, podemos afirmar estar em presença duma

¹⁰ – Conta de colar cilíndrica achatada, de lados sub-rectilíneos e contorno sub-circular. Contém uma perfuração central bicónica.

apreciável variedade formal e decorativa da cerâmica que acompanha a deposição, nesta fase, dos ossos humanos.

No lado sul da estrutura foram exumados carvões (y) que forneceram uma data de C14: Gr.N 23512 – 4020 ± 100BP = 2880 – 2210 cal B.C. – 2 sig.¹¹.

II2 – Fase de colmatação parcial da estrutura com lajes de xisto azul (Fig. 5)

Corresponde ao “nível” 3.

A área exterior ao “nicho” e parte deste foram cobertos com lajes alongadas de xisto azulado, orientadas na direcção SE/NO. Tais lajes passaram, de facto, a ocultar as pedras delimitadoras do “nicho”, mas não se sobrepuseram à área nuclear de ossos humanos. Nesta área foram encontrados, em conexão anatómica, fragmentos do esqueleto axial e apendicular.

Sobressaem, em conexão anatómica, ossos do mesmo indivíduo, do sexo feminino, já detectado no “nível” 2: vértebras (dorsais e indeterminadas) e costelas. Tais ossos deverão corresponder ao topo do esqueleto axial do indivíduo enterrado em inumação primária no “nível” 2. Um omoplata direita e uma diáfise dum úmero esquerdo, são, aparentemente, compatíveis e podem pertencer a um jovem entre 13/16 anos, o que pressupõe a simultaneidade duma inumação primária com deposições secundárias.

Na peneiração foram identificados dois dentes: um molar de um indivíduo de 18/20 anos e um incisivo duma criança de 5/6 anos.

Nesta fase, caracterizada pela ocultação parcial das inumações, surge ainda: - restos de ovis ou capra; - junto ao topo dos ossos humanos, um pequeno vaso liso, quase inteiro (forma 4) (Fig. 11,1) e ainda vinte e três fragmentos de recipientes cerâmicos. Destes, vinte e dois são lisos. O fragmento decorado (forma 5) apresenta impressão “penteada” e a organização decorativa 7.2.6. (Fig. 11,2); - seis pesos de tear em cerâmica: dois nas proximidades dos ossos humanos e quatro, sensivelmente a meio da estrutura ritual. Estes pesos de tear revelam também uma apreciável variedade formal (tipos I, II, III, VI, VII). Os tipos VI e VII são exclusivos deste “momento”, ou seja, da fase em que as inumações estão a ser encobertas pelas lajes de xisto azul.

III – Momento de fechamento ritual da estrutura

III1 – Fase de colocação, sobre as inumações, de grandes pedras e fragmentos de vasos cerâmicos (Fig. 6)

Corresponde ao “nível” 4.

A estrutura foi simbolicamente “fechada” através da deposição de grandes pedras de xisto (de variedade diferente da das lajes de xisto azul), alinhadas de sul para norte. Toda a área interior da estrutura também “acolheu” ritualmente 93 fragmentos de recipientes cerâmicos. Predominam os fragmentos lisos (72–77 %). Foram identificados 8 vasos (repartíveis apenas pelas formas 3 e 5). Destes 8 exemplares, 2 eram lisos e 6 decorados. Estão bem representadas as técnicas decorativas “penteadas”, mas também ocorrem outras técnicas (Fig. 11,3 e 4; Fig 12). Surgem todas as organizações decorativas, à excepção da que integra a decoração plástica (7.6). Assim, com uma ligeira menor variabilidade, mantém-se o padrão de grande diversidade registado no “nível” 2, no que toca ao material cerâmico.

De assinalar, neste “momento” ritual, a ausência de pesos de tear.

Nesta fase surgem ainda alguns ossos humanos e de animais, cuja ocorrência, poderá dever-se a vários processos pós-deposicionais. De assinalar que o estudo antropológico refere que os restos ósseos analisados foram roídos, pelo menos, em dez casos, por raposa. De facto, dada a proximidade das inumações da superfície (o enchimento da estrutura tinha apenas cerca de 30 cm

11 - Encontra-se em preparação um estudo sobre datas de C14, tendo como base os ossos humanos desta estrutura.

de espessura, e o seu topo distava cerca de 20 cm do solo actual), é de crer que possa ter havido, ao longo do tempo, algumas deslocações horizontais e verticais, parcialmente motivadas pela boa acessibilidade dos ossos a carnívoros.

A este “nível” foram identificados restos de ovis ou *capra* e de ossos humanos: - fragmentos duma tibia esquerda e a 1ª falange da mão, compatíveis entre si, e com os ossos pertencentes ao indivíduo do sexo feminino, detectado nos “níveis” 2 e 3; - um 4º metatársico (eventualmente compatível com o indivíduo anteriormente referido); - um astrágalo (eventualmente compatível com um calcâneo do “nível” 2); - epífises do 1º dedo do pé (de indivíduo, de idade e sexo não determináveis); - onze dentes (1 incisivo dum jovem adulto, 2 molares, 3 incisivos, 2 P3 e 1 P4 de adolescentes de 10/11 anos¹²).

III2 – Fase de ocultação da estrutura com pequenas pedras (Fig. 7)

Corresponde ao “nível” 5.

A estrutura ritual foi ocultada através da colocação, sobre o “nível” anterior, de pedras de pequenas e médias dimensões. Não sabemos se terá sido construída, na zona, qualquer arquitectura de madeira que ajudasse a delimitar (e conservar momentaneamente) a estrutura ritual. A este “nível”, a escassos 20-10 cm do solo actual foram registados, sobre a área da estrutura ritual, 46 fragmentos de recipientes cerâmicos e restos de *Bos*. Contudo, pensamos que tais materiais não se conectam com qualquer fase ritual, ou seja, não foram ali depositados intencionalmente (Fig. 13,3).

Tais materiais estarão relacionados com a camada de ocupação do sítio (camada 2), ou seja, com os sedimentos que se formaram após o fechamento e completa invisibilização da estrutura ritual. É possível que a pequena estrutura contígua com fauna (estrutura Z) (Fig. 6), tenha sido utilizada após a ocultação da estrutura com ossos humanos, sendo por isso, já duma etapa integrável na Idade do Bronze do sítio de Castelo Velho.

3.3

Desta breve reavaliação da natureza da manipulação ritual da estrutura com ossos humanos, ressaltam vários aspectos.

1º Existe uma sequência provável: após uma “fase fundacional” (I), já com todos os principais “artefactos” presentes (ossos humanos desconectados, fauna, vasos fragmentados e pesos de tear inteiros e fragmentados) sucede-se um “momento” determinante, relacionado com a deposição primária dum indivíduo adulto (18/20 anos) do sexo feminino (II). Esse indivíduo é colocado no interior dum “nicho”, ao mesmo tempo que se depositam à sua volta outros artefactos: pesos de tear inteiros e fragmentados e vasos cerâmicos fragmentados, além de restos de fauna e de ossos humanos desconectados (de outros indivíduos). Ainda durante este “momento” fulcral procede-se à progressiva ocultação das inumações (primárias e secundárias), através da colocação, na horizontal, de lajes de xisto azul, e da deposição de pesos de tear e dum pequeno vaso liso, quase inteiro, ao nível do peito do indivíduo inumado, do sexo feminino. Não se encontraram vestígios do crânio deste indivíduo (ou de qualquer outro). Após esta fase, inicia-se o fechamento, primeiro, e a ocultação, depois, da estrutura (III). Significativa é a utilização ostensiva das lajes de xisto azul como “separadores” entre as etapas de inumação e as etapas de fecho/ocultação. O fechamento e ocultação processam-se através da deposição simbólica de grandes pedras, primeiro (acompanhadas de fragmentos de vasos cerâmicos), e de pequenas pedras, numa fase posterior. Se descontarmos alguns ossos deslocados (por movimentos pós-deposicionais?) verificamos que existem apenas dois tipos de “artefactos” que intervêm nesta última etapa: fragmentos de vasos cerâmicos e pedras de várias dimensões.

12 - Durante esta fase, terá sido concebida, numa zona contígua à estrutura com ossos humanos, uma pequena estrutura pétrea (Z) (Fig. 6), que continha abundante fauna carborizada (Jorge, S. O., 1999, a, b). Tal estrutura terá sido utilizada sobretudo numa etapa posterior.

2º Nesta estrutura são depositados (simultaneamente ou alternadamente) dois tipos de elementos rituais que se diferenciam quanto ao grau de integridade física:

- a) restos humanos em conexão anatómica, um pequeno vaso quase inteiro e pesos de tear inteiros ou quase inteiros;
- b) restos humanos desconectados, restos de fauna, fragmentos de recipientes cerâmicos e dois fragmentos de pesos de tear.

Enquanto que estes dois tipos de elementos surgem nos “momentos” I e II, em simultâneo, os “artefactos” fragmentados (fundamentalmente recipientes cerâmicos) ocorrem isolados no “momento” III.

3º Os fragmentos de recipientes cerâmicos (pouco mais de 400 fragmentos) constituem um elemento estruturante desta associação. Estão presentes em todos os “momentos” e também em todos os “níveis”, embora em quantidades e distribuições espaciais variadas. Em número apreciável (entre cerca de 90 a 140 fragmentos) surgem nas fases III1 (“nível” 2) e III1 (“nível” 4). Enquanto que na fase III1 acompanham ritualmente as deposições humanas, na fase III1 funcionam como elementos de “fechamento” da estrutura.

4º Os pesos de tear distribuídos pelos “momentos” I e II (“níveis” 1, 2, 3) assumem, no interior do universo de elementos rituais com carácter “intacto”, uma importância óbvia. Não contando com o pequeno vaso liso (quase inteiro), depositado junto ao indivíduo do sexo feminino, só os pesos de tear asseguram a continuidade das “oferendas rituais” inteiras entre o “momento” I e o “momento” II.

A sua presença, nestas condições, confere a esta “estrutura mortuária” uma forte significação simbólica relacionada com a tecelagem.

5º Apesar da ausência de muitos restos ósseos poder dever-se a processos tafonómicos (que truncaram, *a posteriori*, a totalidade da associação ritual), cremos dever salientar o não reconhecimento de qualquer fragmento de crânio. Tendo sido identificados vários dentes (pertencentes a vários indivíduos), a sua existência pode ser explicada de diversas maneiras: ou eles foram ali colocados como elementos desconectados (tal como muitos ossos), ou eles (todos ou só alguns) foram ali depositados ainda no interior dos maxilares, que, entretanto, desapareceram devido a fenómenos pós-deposicionais; ou eles (todos ou só alguns) pertenceram a maxilares inseridos em crâneos que, por sua vez, foram retirados intencionalmente da estrutura, num determinado “momento” ritual. No caso do indivíduo do sexo feminino, depositado em inumação primária no “nível” 2, podemos estar, de facto, face a um processo intencional de separação da cabeça do resto do corpo. Contudo, todas estas hipóteses devem ser encaradas sob grande reserva, dadas as condições de jazida, que nos legaram uma associação ritual muito danificada do ponto de vista osteológico.

Porto, Primavera de 1999.

BIBLIOGRAFIA

ALFARO GINER, C. (1984), *Tejido e cestaria en la Península Iberica. Historia de su tecnica e industrias desde la prehistoria hasta la Romanización*, Madrid, CSIC.

ANTUNES, M. T. e CUNHA, A. S. (1998), Restos humanos do Calcolítico – Idade do Bronze de Castelo Velho, Freixo de Numão (Vª Nª de Foz Côa, Portugal) – nota preliminar, *Côavisão, Cultura e Ciência*, nº 0, pp. 35-42.

CARDITO ROLLÁN, L. M. (1996), Las manufacturas textiles en la Prehistoria: las placas de telar en el Calcolítico Peninsular, *Zephyrus*, 49, pp. 125-145.

CRUZ, Mª D. G. (1993), *Significado social da cerâmica doméstica. Fundamentos para uma classificação tipológica da cerâmica de Castelo Velho (Freixo de Numão)*, Porto, dissertação de Mestrado apresentada à FLUP.

UMA ESTRUTURA RITUAL COM OSSOS HUMANOS NO SÍTIO PRÉ-HISTÓRICO DE CASTELO VELHO DE FREIXO DE NUMÃO

DINIZ, M. (1993), Pesos de tear e tecelagem no Calcolítico em Portugal, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 34 (3 - 4), pp. 133-149.

JORGE, S. O. (1986), *Povoados da Pré-História recente da região Chaves – Vila Pouca de Aguiar*, Porto, 3 vols. Instituto de Arqueologia da FLUP.

JORGE, S. O. (1993), O povoado de Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa) no contexto da Pré-História recente do Norte de Portugal, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 33 (1-2), pp. 179-216.

JORGE, S. O. (1999, a), Castelo Velho de Freixo de Numão (Vª Nª de Foz Côa, Portugal): breve genealogia de uma interpretação, *Estudos Pré-Históricos*, vol. VI, pp. 279 - 293.

JORGE, S. O. (1999, b), Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa, Portugal). Geschichte der Interpretationsversuche, *Madri der Mitteilungen*, 40 pp. 80 - 96.

SANCHES, M. J. (1997), *Pré-história recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*, 2 vols, Porto, S.P.A.E., "textos", 1.

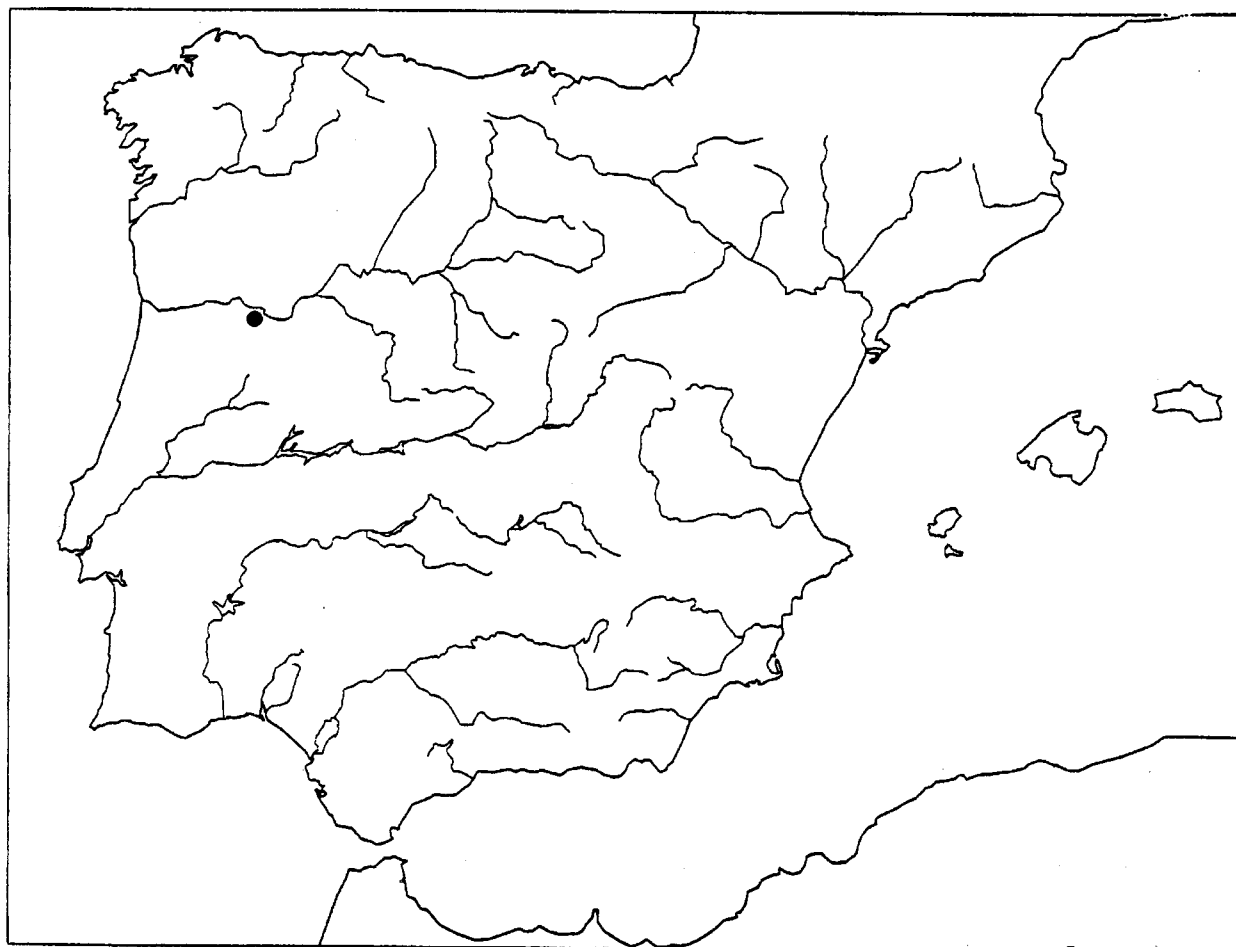


Fig. 1 – Localização do sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão na Península Ibérica.

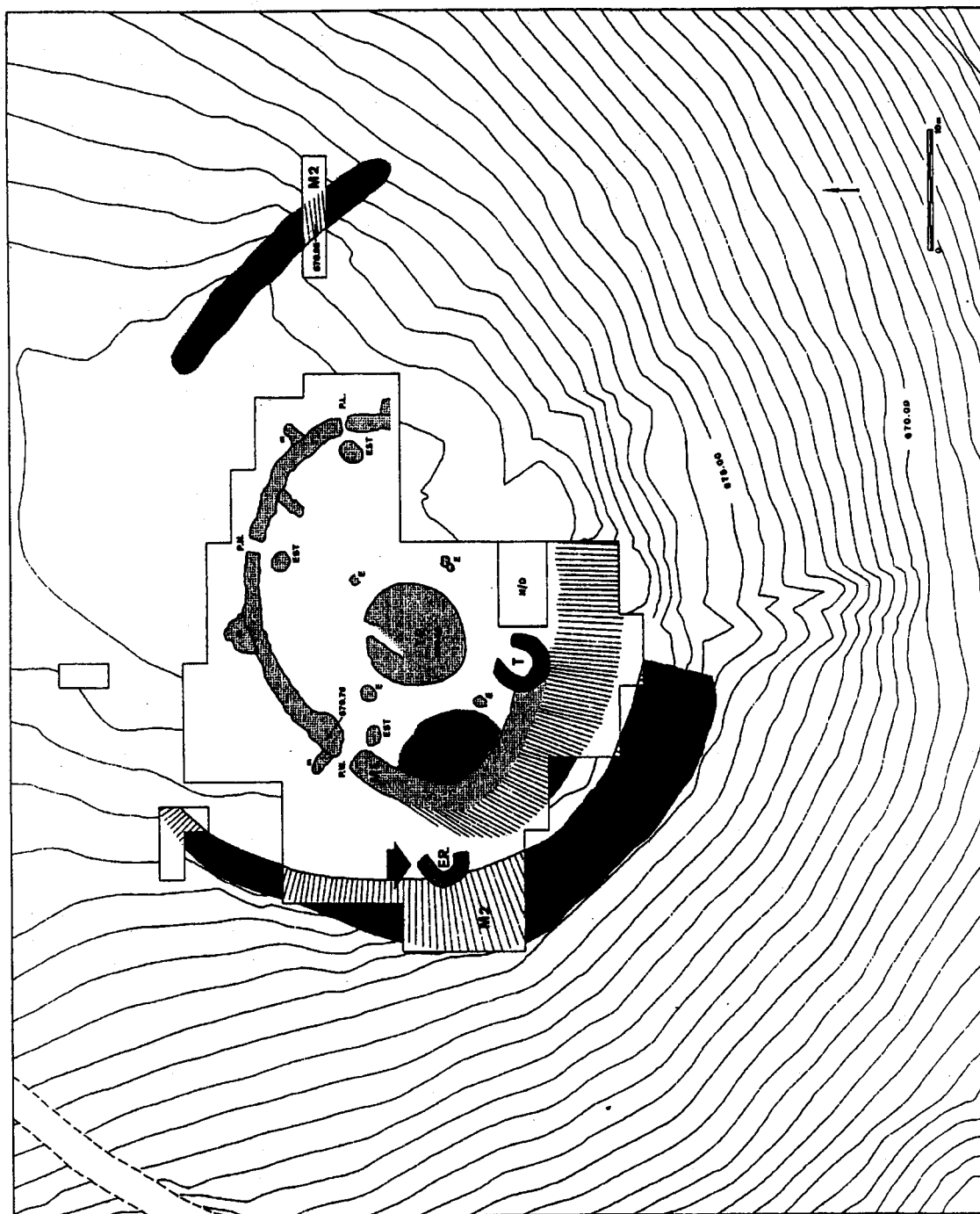


Fig. 2 – Planta muito esquemática da estação, após campanha de 1997:
ER – estrutura ritual com ossos humanos (seta) (desenho final de V. Fonseca).

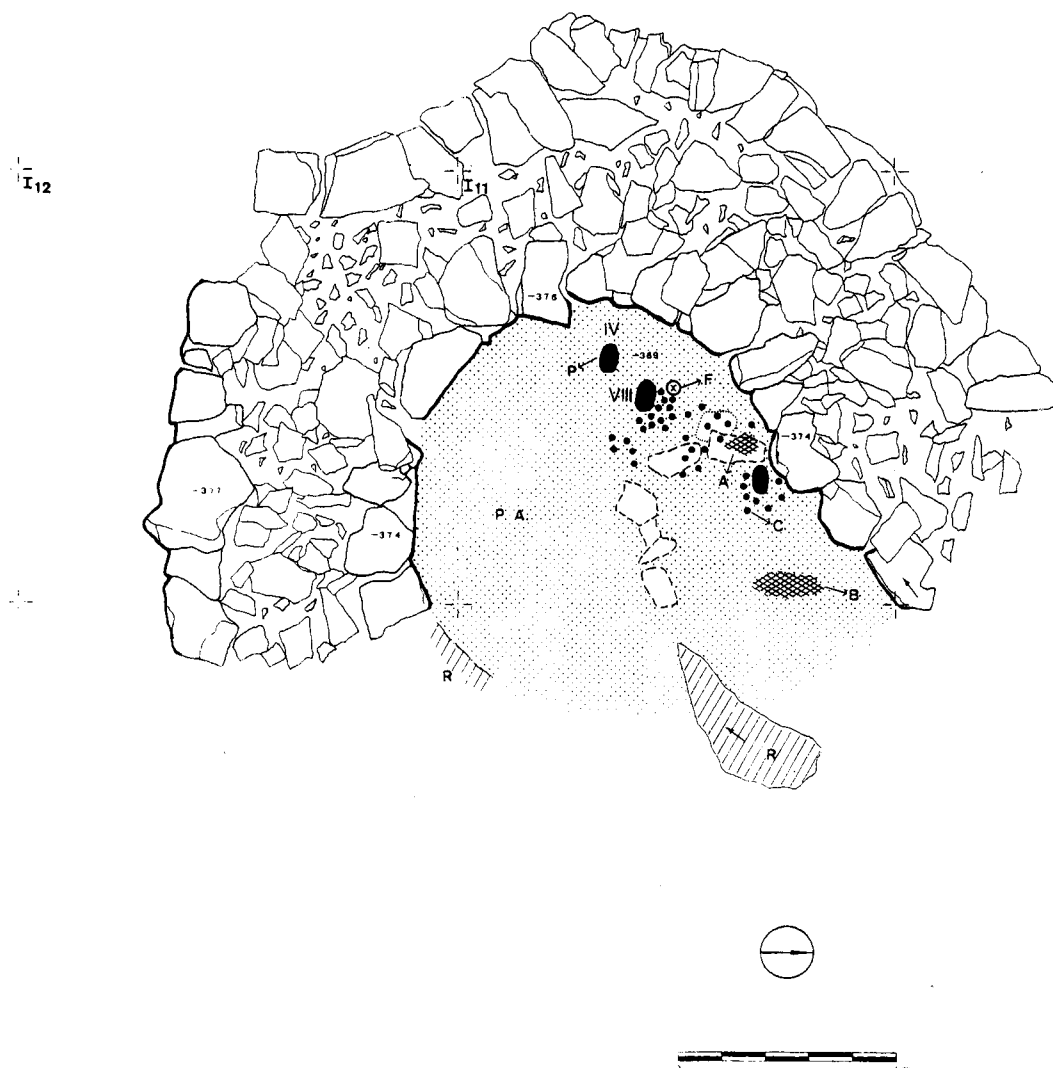


Fig. 3 – Estrutura com ossos humanos – “Momento” I / “nível” 1:
 PA – piso de argila; A – esqueleto axial (âxis - A. 45/97); B – esqueleto apendicular (coxal direito - A. 15/94; tibia esquerda - A. 15/94); C – fragmentos de recipientes cerâmicos; P – pesos de tear (tipos I, IV, VIII); F – ovis ou capra; R – afloramento rochoso (desenho final de V. Fonseca).



Fig. 4 – Estrutura com ossos humanos – “Momento” II / “nível” 2:

A – esqueleto apendicular (falanges do pé - A. 64 A/97; A. 64 B/97); B – esqueleto axial (vértebras dorsais - A. 3/97; vértebras lombares - A. 31/97; costela - A. 23/97); C – esqueleto apendicular + ovis ou capra e sus (omoplata direita - A. 20/94; úmero - A. 20/94; úmero - A. 21/94; 2 fêmures (direito e esquerdo) - A. 20/94; calcâneo - A. 32/97); M – moinho manual em granito; O – fragmentos de recipientes cerâmicos existentes no “nicho”; CC – conta de colar verde; P – pesos de tear (tipos II, III, IV, V, VIII, IX, indet.); Y – concentração de carvões; V – fragmentos de recipientes cerâmicos no exterior do “nicho”; R – afloramento rochoso (desenho final de V. Fonseca)

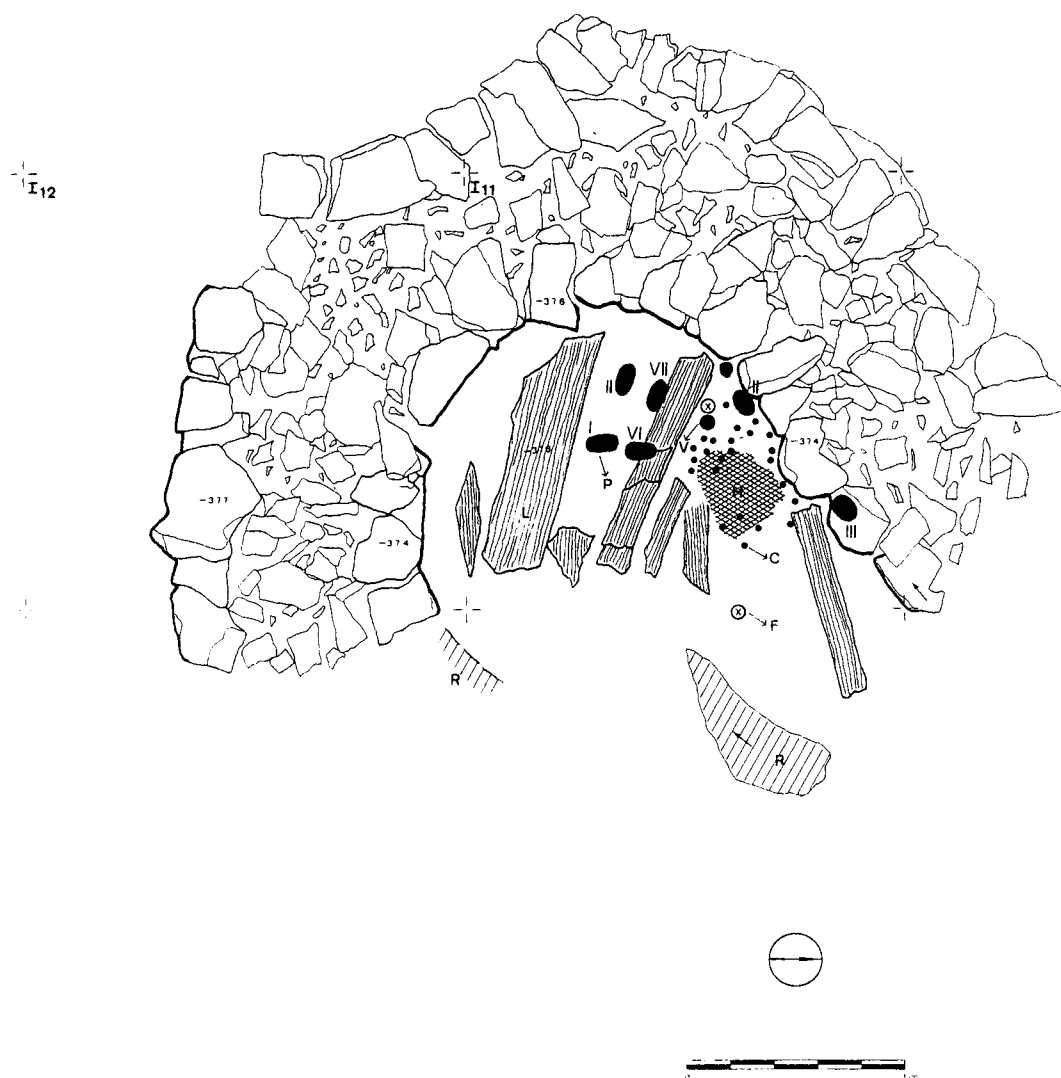


Fig. 5 – Estrutura com ossos humanos – “Momento” II / “nível” 3:
H – esqueleto axial e apendicular (vértebras dorsais - A. 18/97; A. 13/97); costelas (A. 2, 4, 5, 6, 7, 8, 11, 12, 15, 16, 19, 20, 24, 25, 27, 29/97); omoplata direita (A. 28/97); diáfise de úmero esquerdo (A. 1/97); V – pequeno vaso liso inteiro; C – fragmentos de recipientes cerâmicos existentes no “nicho”; F – ovis ou capra; P – pesos de tear (tipos I, II, III, VI, VII); L – lajes de xisto azul; R – afloramento rochoso (desenho final de V. Fonseca).

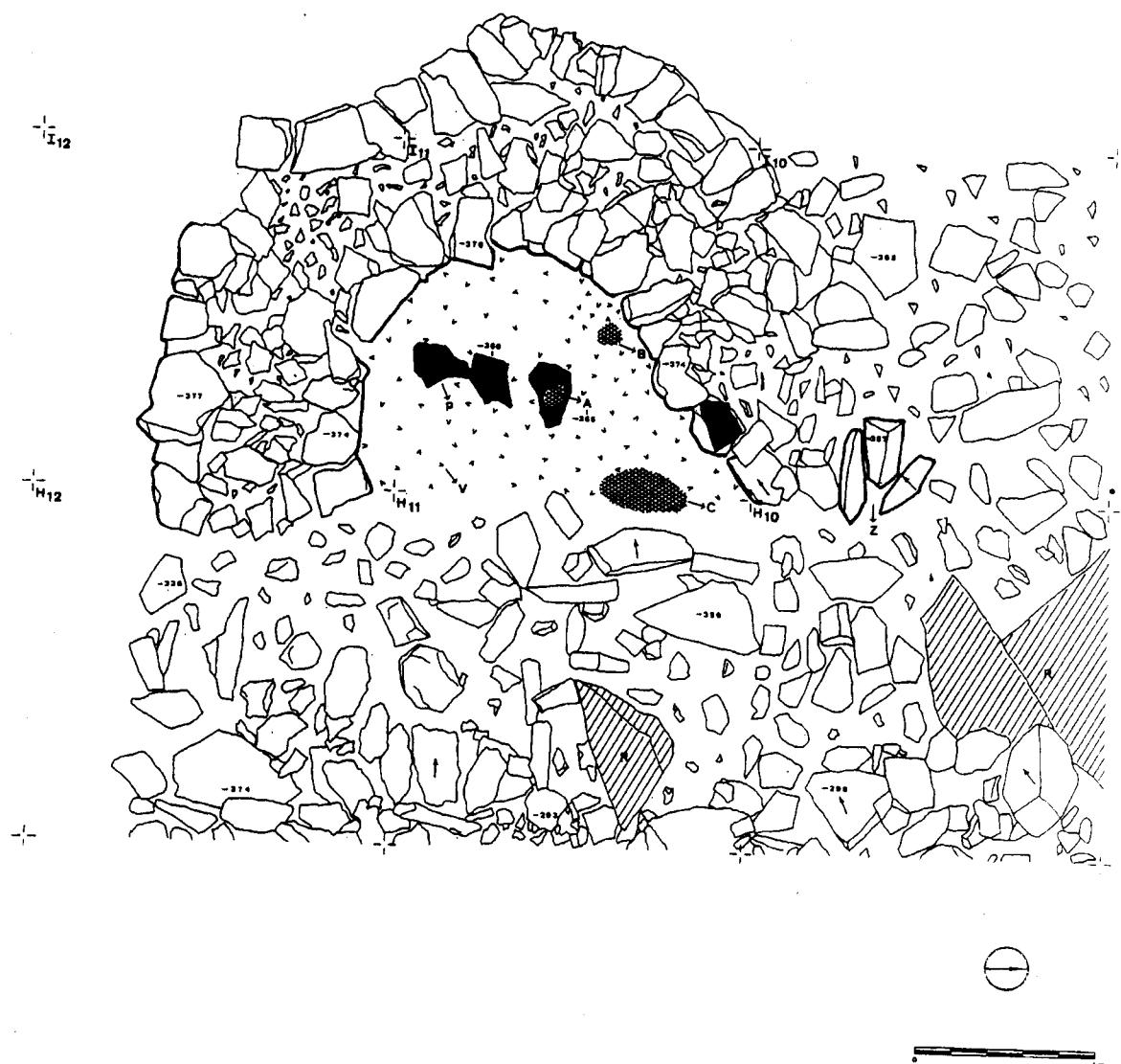


Fig. 6 - Estrutura com ossos humanos "Momento" III / "nível" 4:

A - esqueleto cefálico (molar - A. 35/97; incisivos - A. 37/97); B - esqueleto apendicular (epífise do 1º dedo do pé - A. 64 - E/97); C - esqueleto apendicular + ovis ou capra (1ª falange da mão - A. 18/94; tibia esquerda - A. 18/94; metatársico IV - A. 19/94; astrágalo - A. 43/97); V - fragmentos de recipientes cerâmicos; P - pedras de cobertura; Z - estrutura pétrea com fauna; R - afloramento rochoso (desenho final de V. Fonseca)

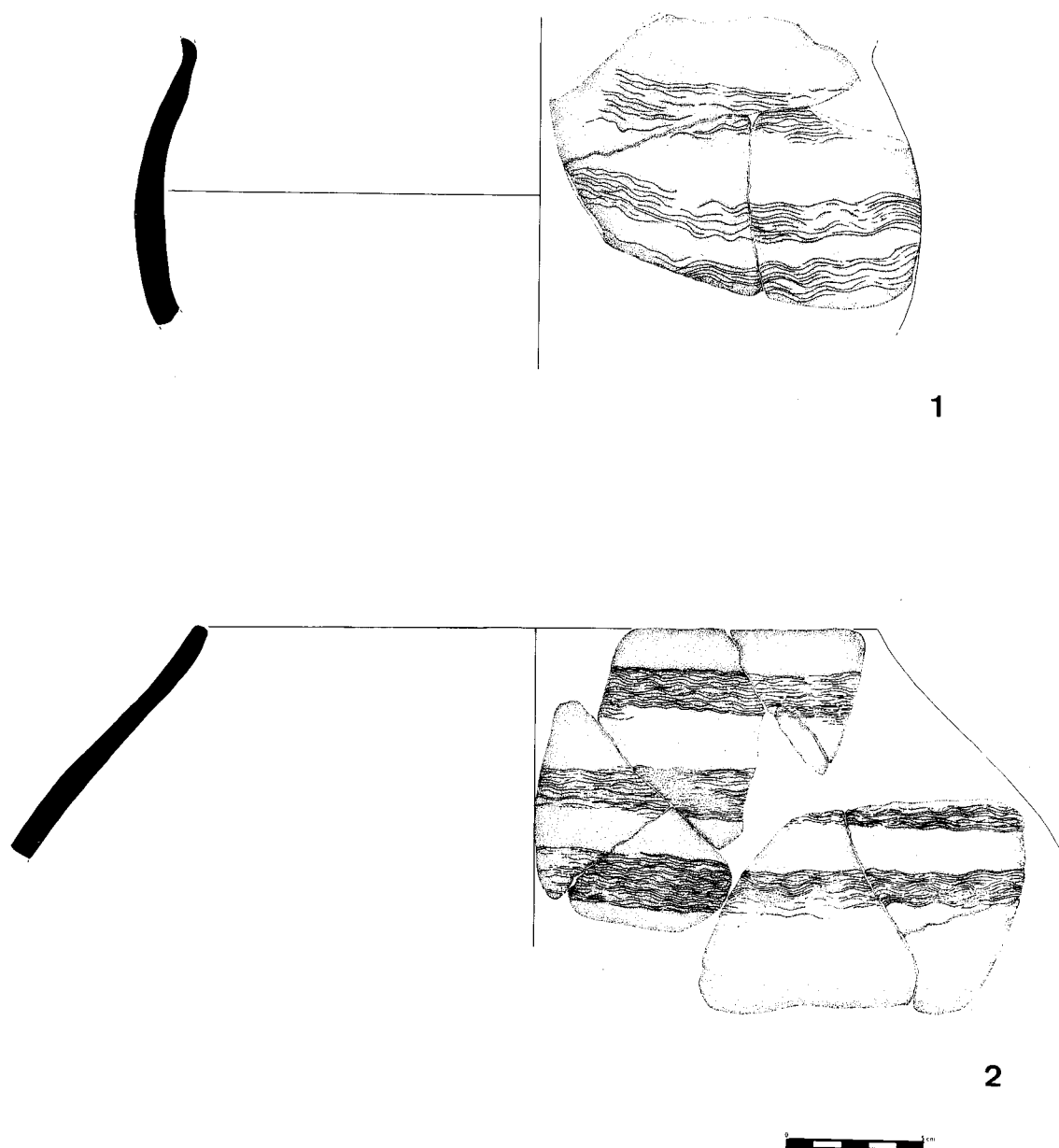


Fig. 8 – Recipientes cerâmicos: 1 - “nível” 1; 2 - “nível” 2 (desenhos de L. Azevedo e de P. Carvalho).

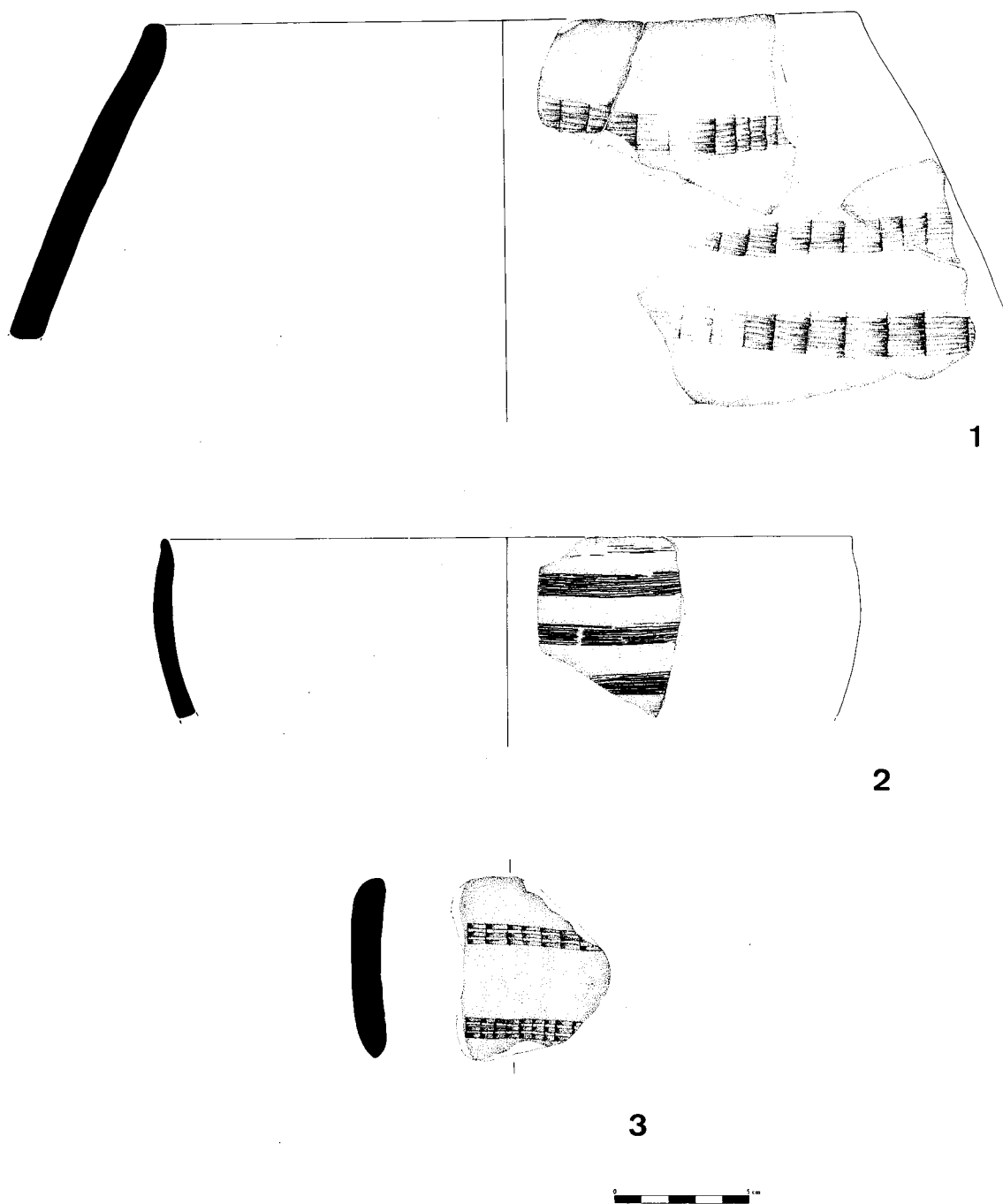
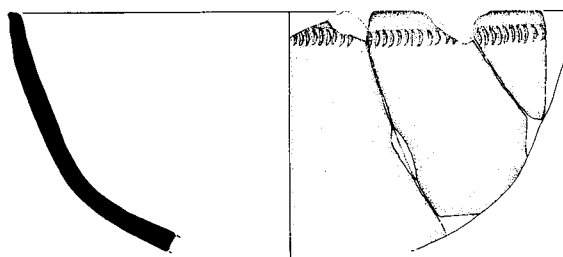
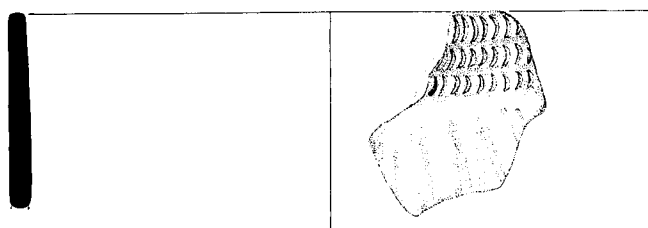


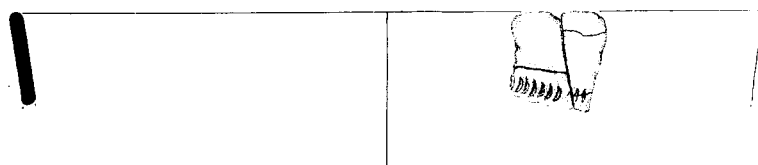
Fig. 9 – Recipientes cerâmicos: 1, 2, 3 - “nível” 2 (desenhos de L. Azevedo e P. Carvalho).



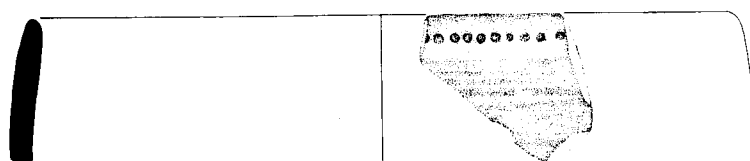
1



2



3



4



Fig. 10 – Recipientes cerâmicos: 1, 2, 3, 4 - "nível" 2 (desenhos de L. Azevedo e P. Carvalho).

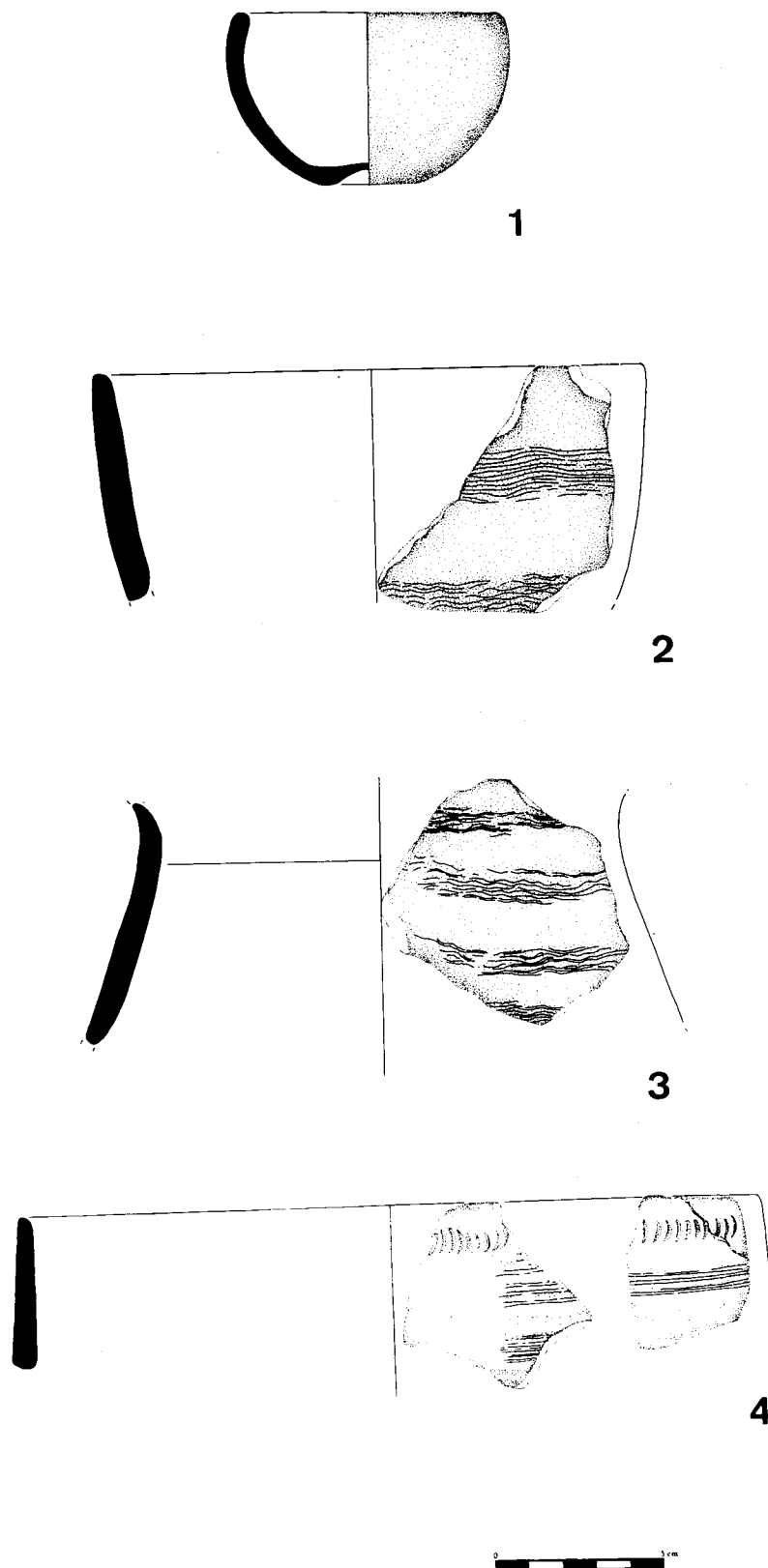
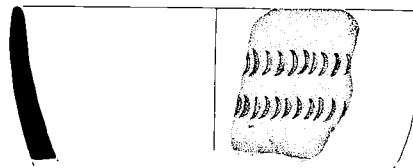


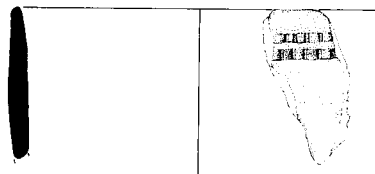
Fig. 11 – Recipientes cerâmicos: 1, 2 – “nível” 3; 3, 4 – “nível” 4 (desenhos de L. Azevedo e P. Carvalho).



1



2



3



4



5



Fig. 12 – Recipientes cerâmicos: 1, 2, 3, 4, 5 – “nível” 4 (desenhos de L. Azevedo e P. Carvalho).

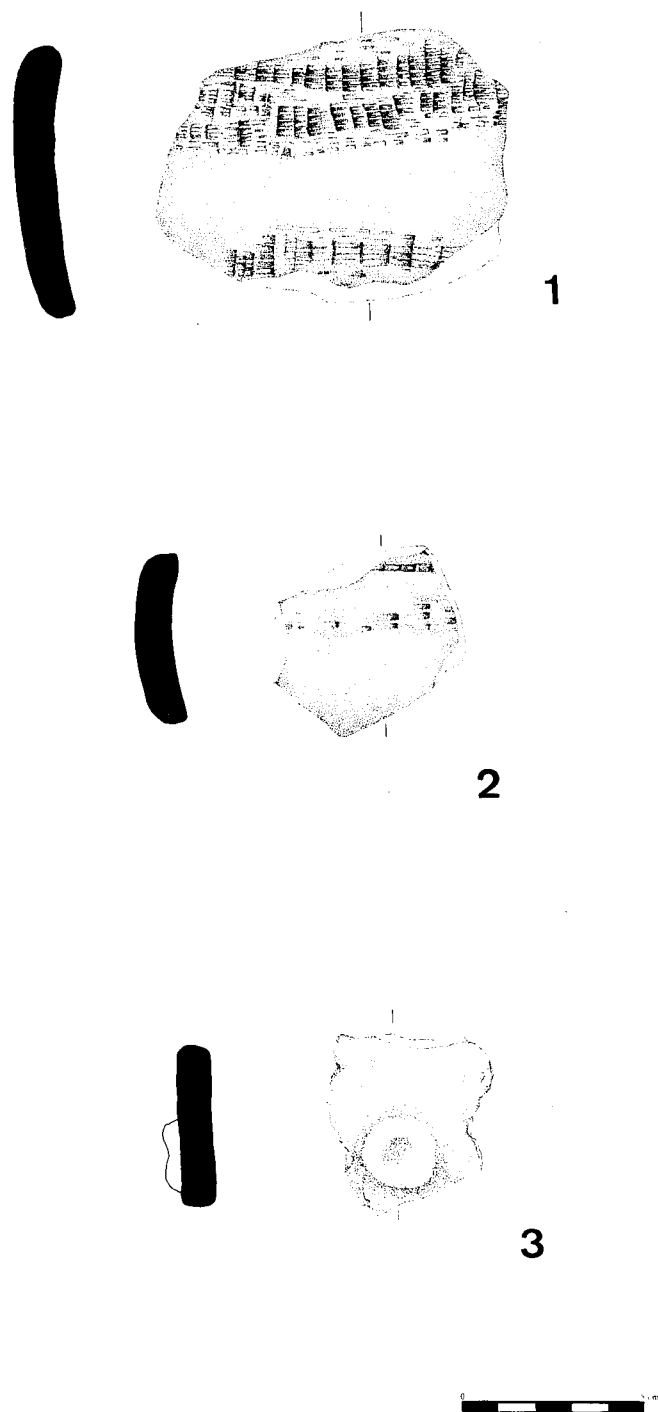


Fig. 13 – Recipientes cerâmicos: 1, 2 – “indeterminados”; 3 – “nível” 5 (desenhos de L. Azevedo e P. Carvalho).

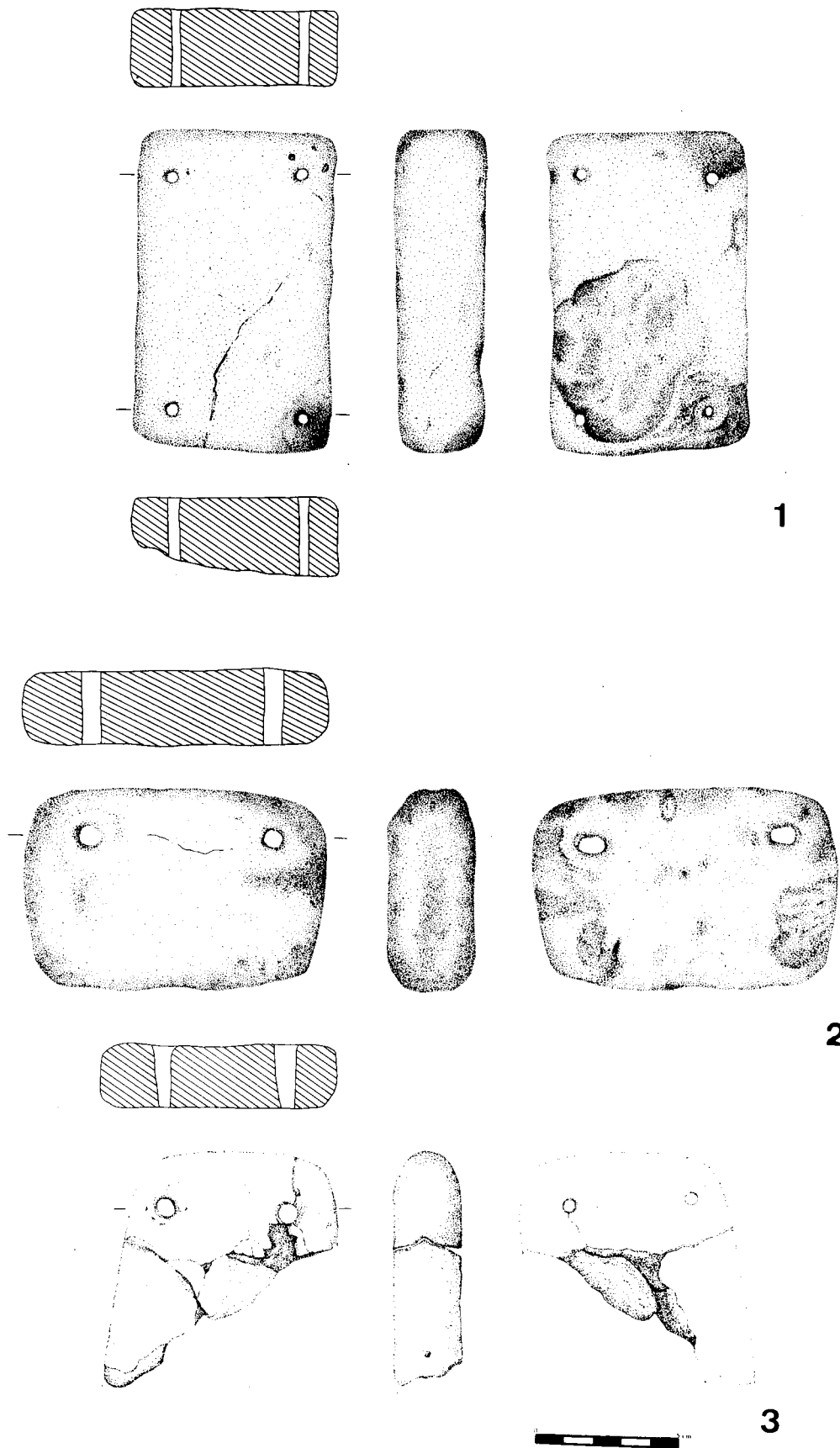


Fig. 14 - Pesos de tear: "nível" 1 - 1 (I); 2 (IV); 3 (VII) (desenhos de L. Azevedo e de P. Carvalho).

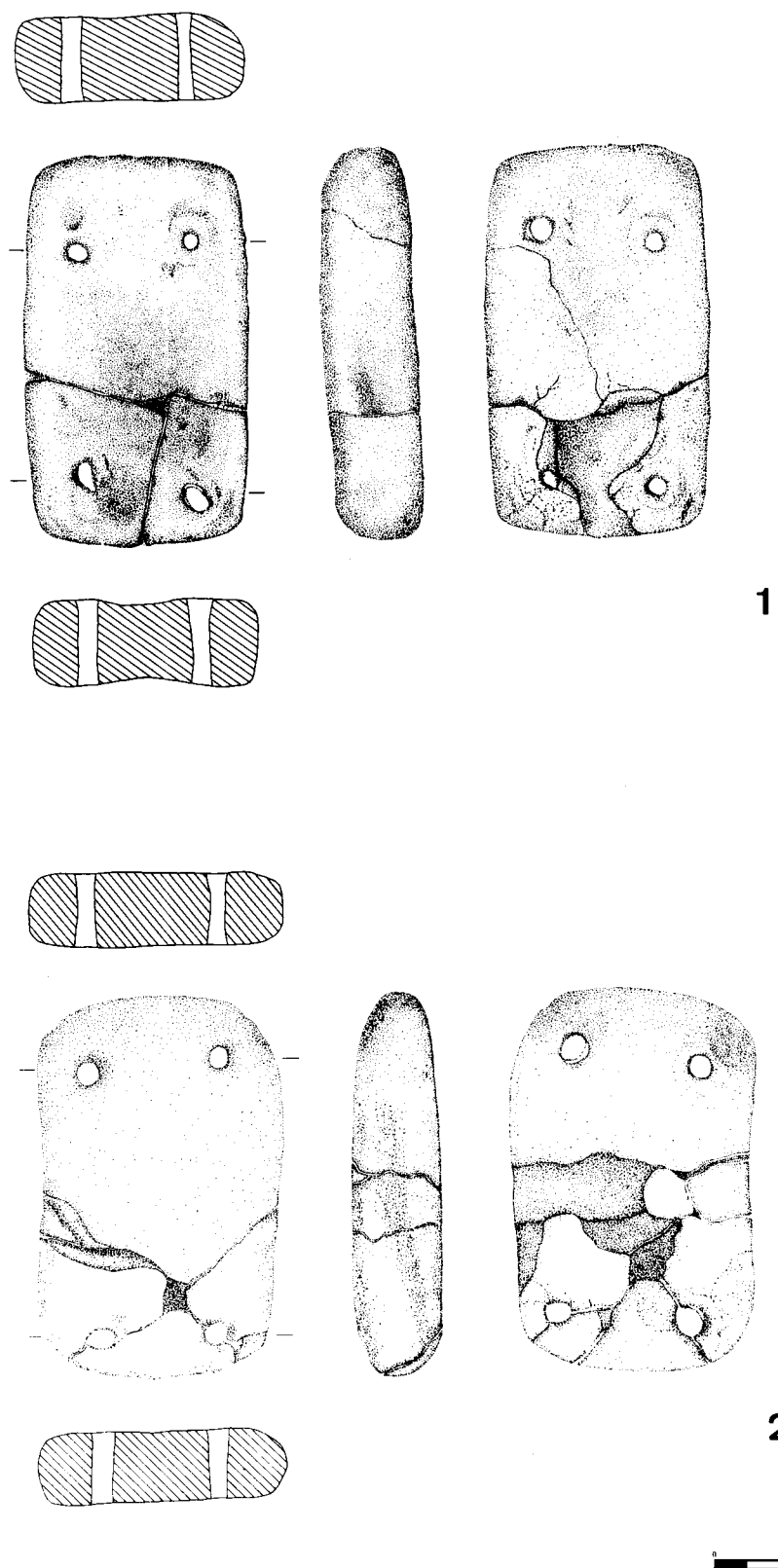


Fig. 15 – Pesos de tear: “nível” 2 – 1 (II); 2 (II) (desenhos de L. Azevedo e de P. Carvalho).

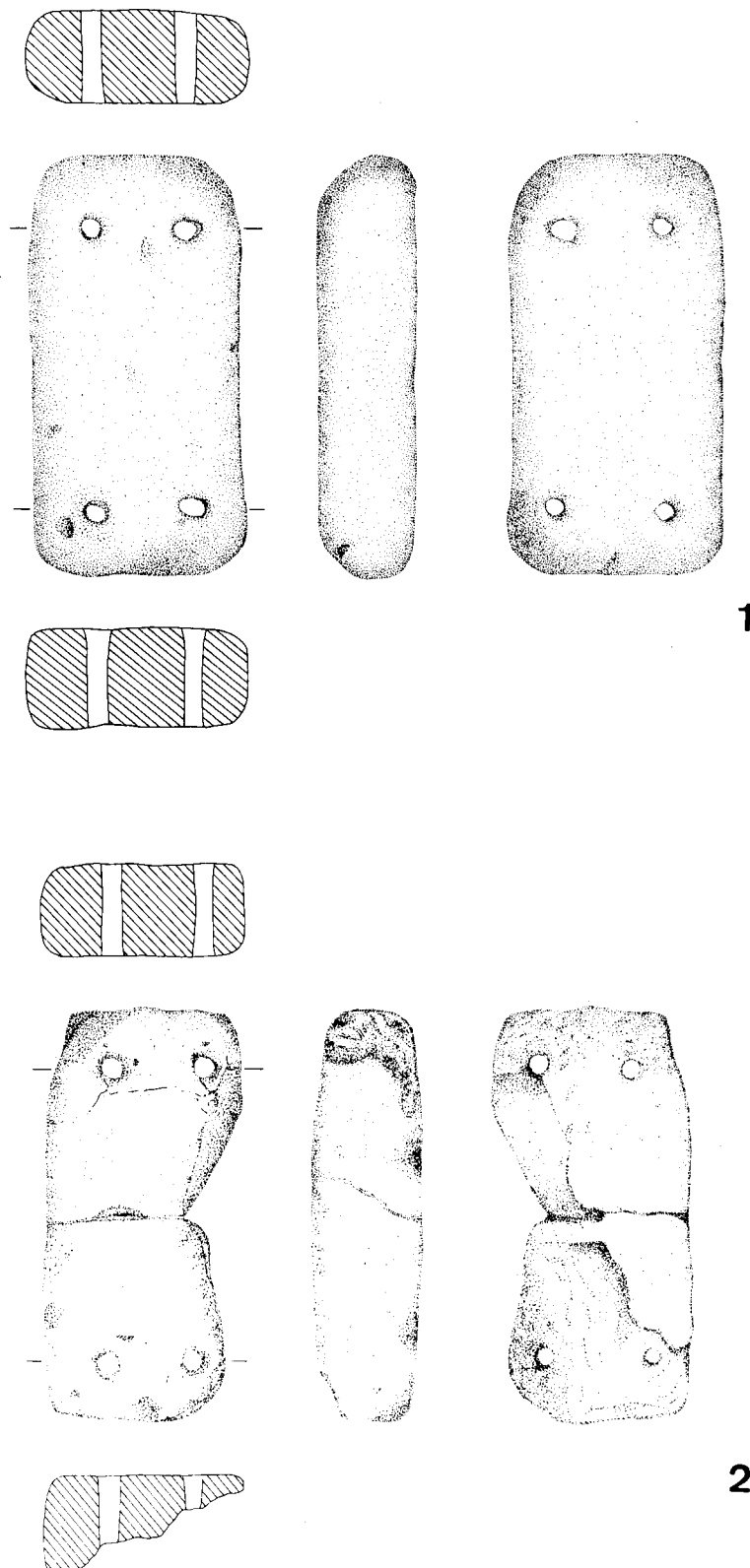


Fig. 16 – Pesos de tear: “nível” 2 – 1 (III); 2 (III) (desenhos de L. Azevedo e de P. Carvalho).

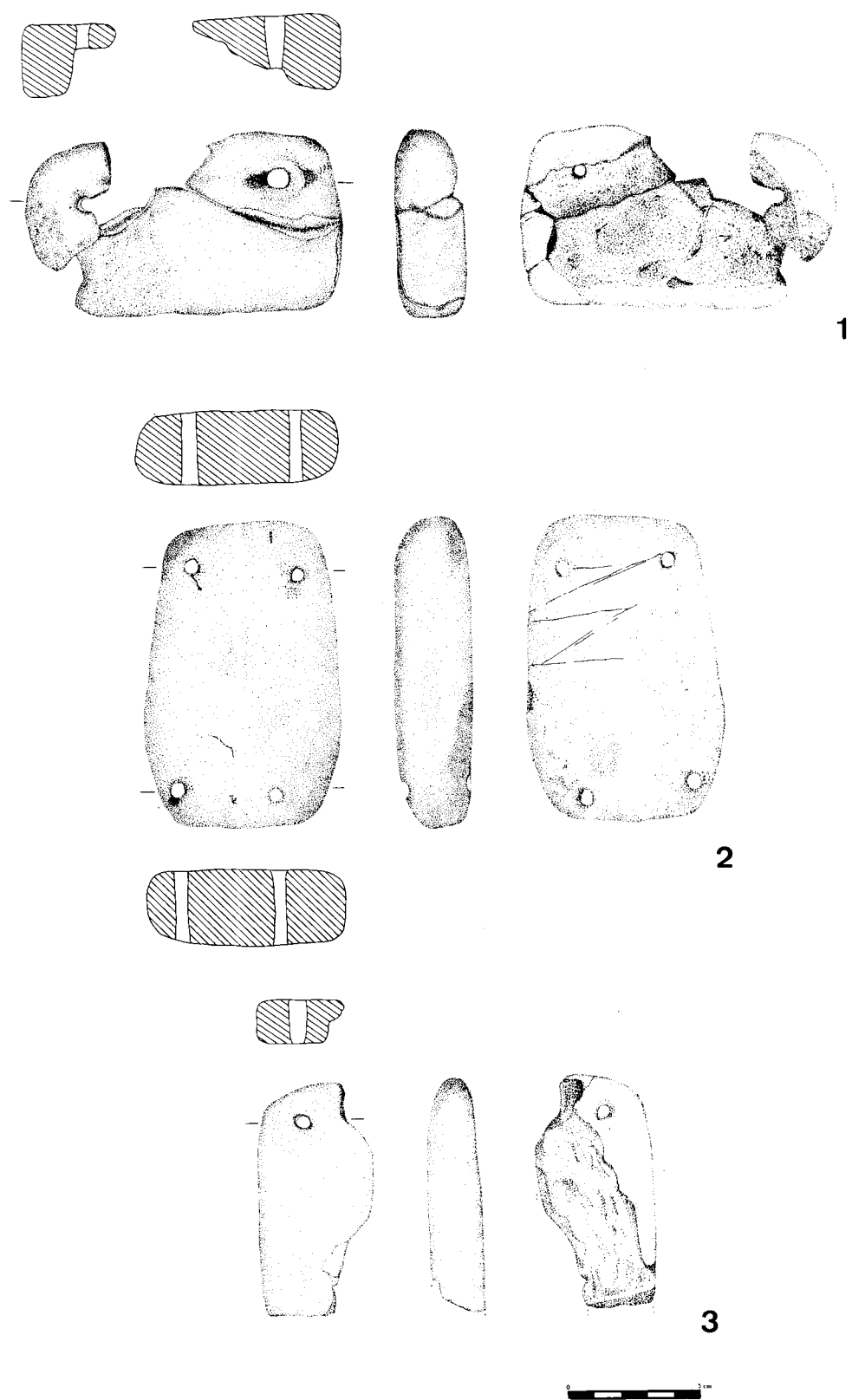
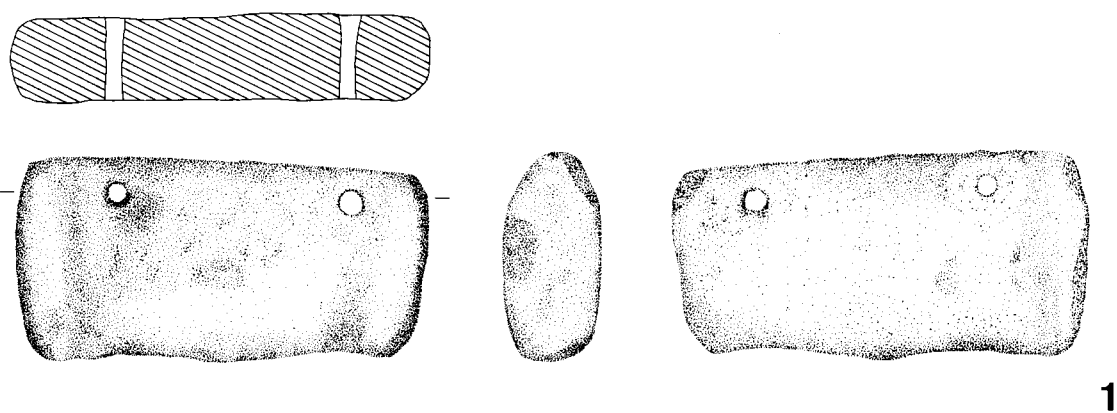
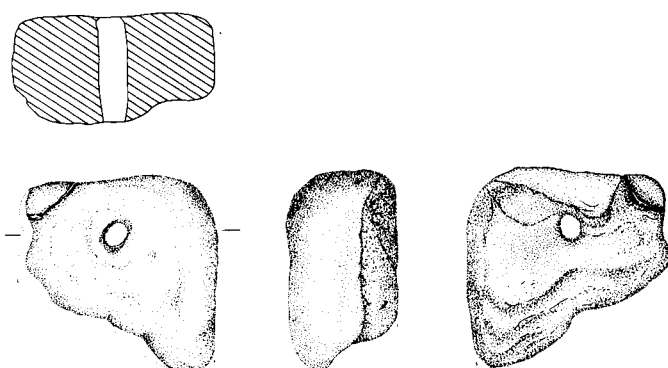


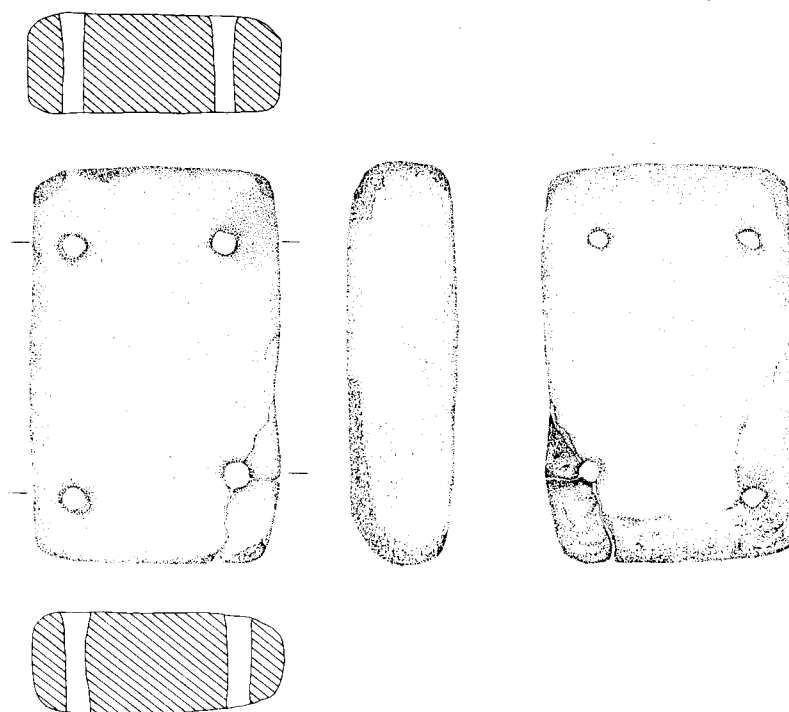
Fig. 17 – Pesos de tear: “nível” 2 – 1 (IV); 2 (V); 3 (VIII) (desenhos de L. Azevedo e de P. Carvalho).



1



2



3

Fig. 18 – Pesos de tear: “nível” 2 – 1 (IX); 2 (indeterm.); “nível” 3 – 3 (I) (desenhos de L. Azevedo e de P. Carvalho).

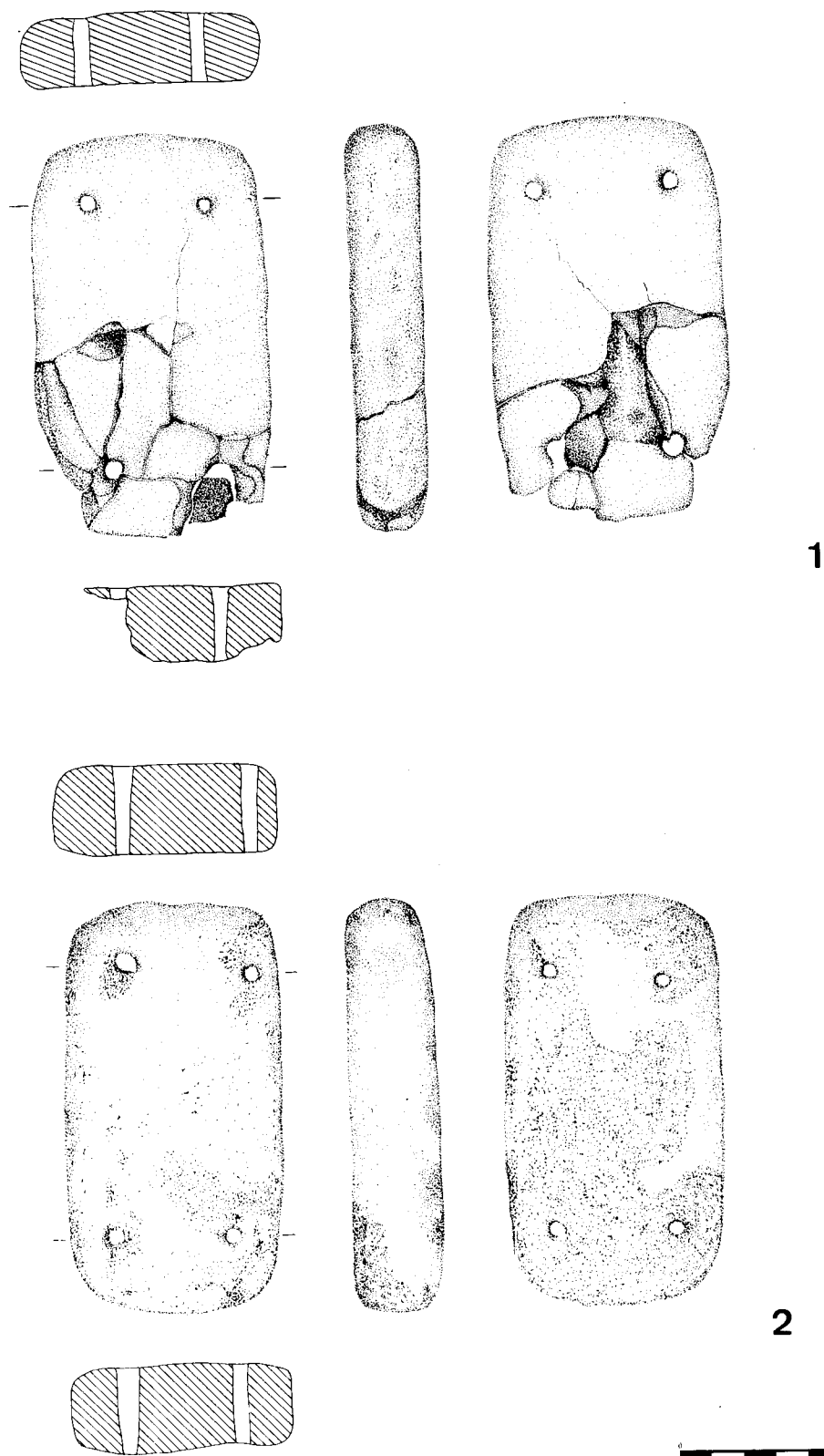


Fig. 19 – Pesos de tear: “nível” 3 – 1 (II); 2 (II) (desenhos de L. Azevedo e de P. Carvalho).

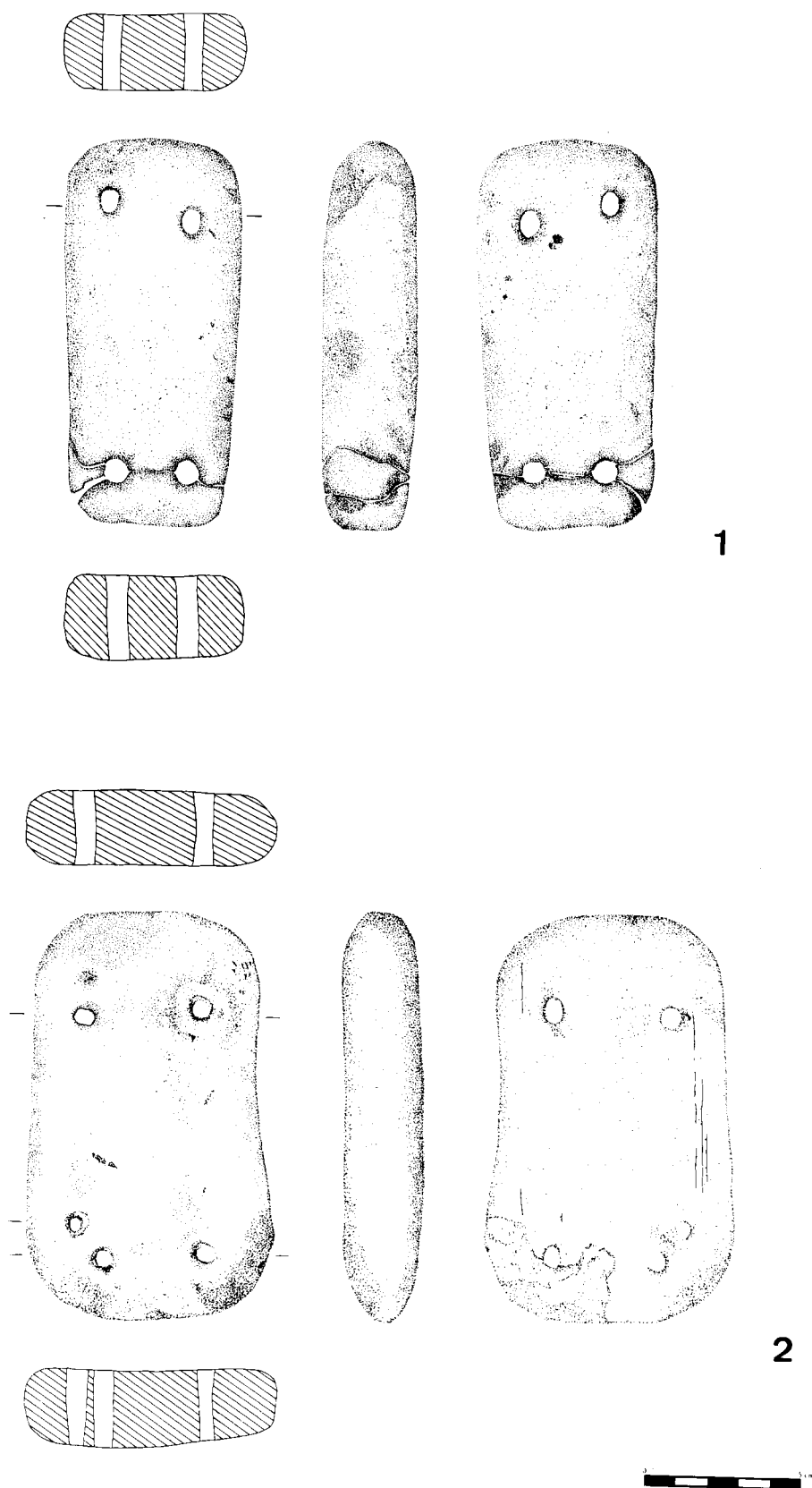


Fig. 20 - Pesos de tear: "nível" 3 - 1 (III); 2 (VI) (desenhos de L. Azevedo e de P. Carvalho).

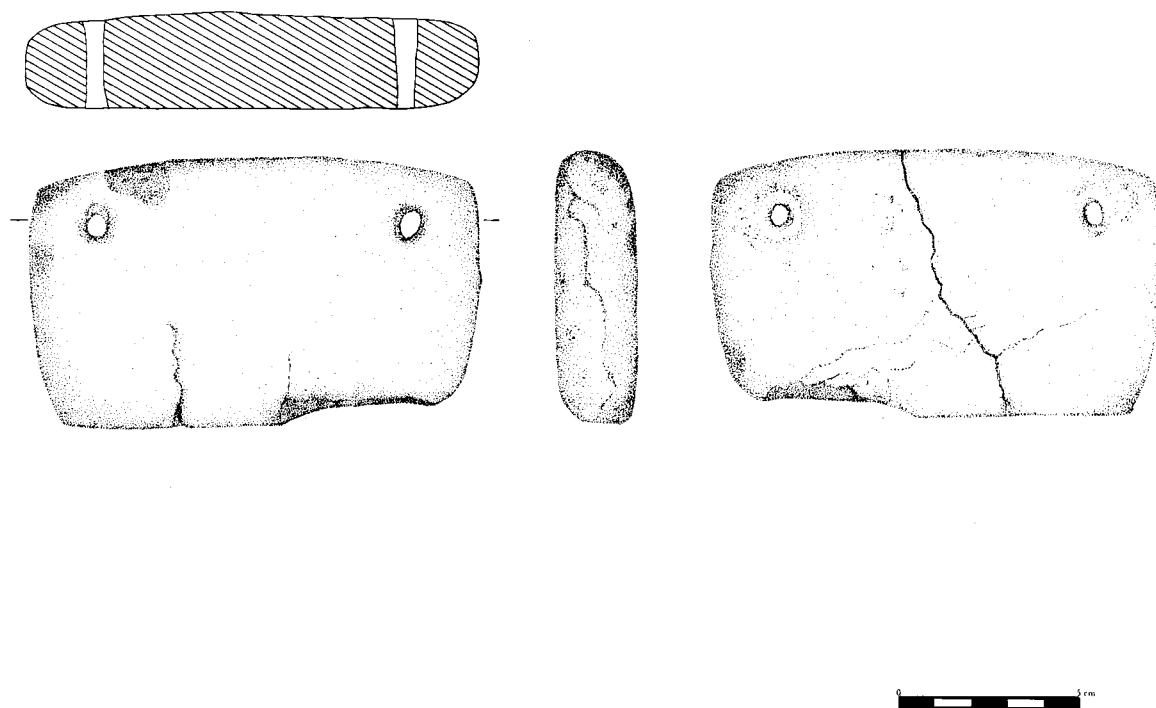


Fig. 21 – Pesos de tear: “nível” 3 (VII) (desenhos de L. Azevedo e de P. Carvalho).

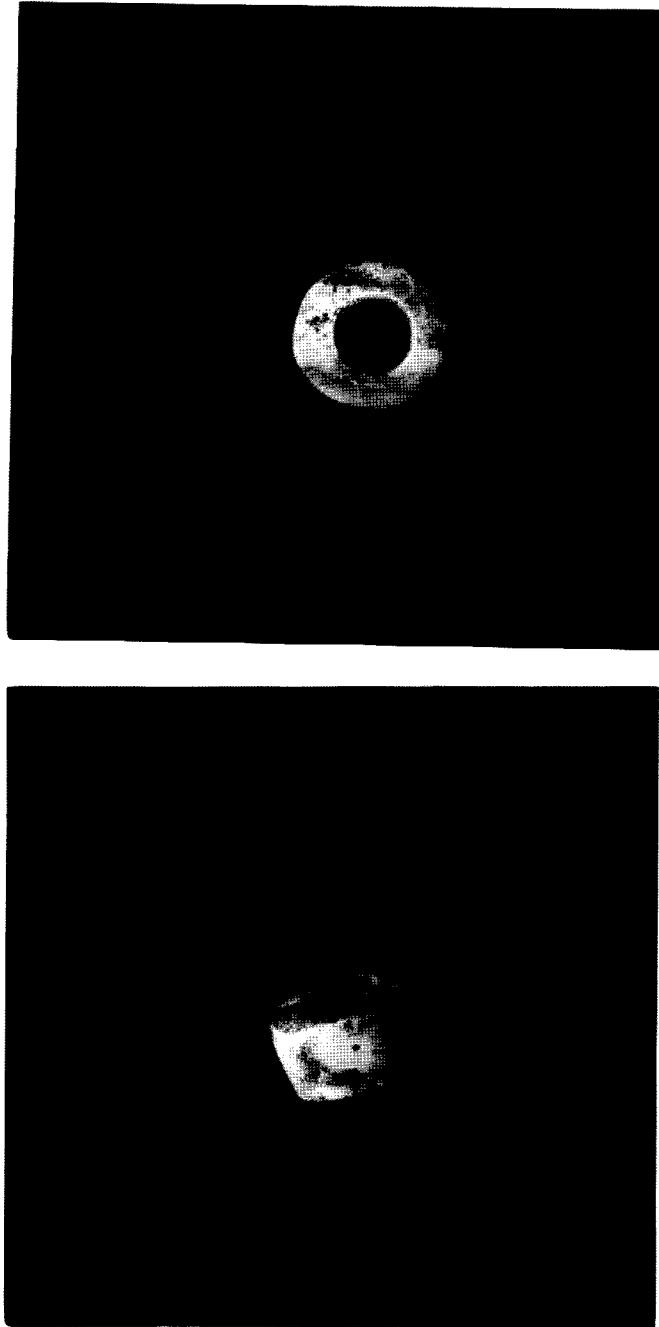


Fig. 22 – Conta de colar do “nível” 2: visão vertical (em cima) e visão lateral (em baixo).
Diâmetro máximo (em cima): 0,7 cm. (Macrofotografias de M. T. Silva)